

LEONARDO  
PERACINI

**SENDO  
HUMANO:**

reflexões  
de uma  
existência



*Para todos aqueles que um dia se questionaram: Onde está a verdade? O que é o ser humano? Existe um sentido a ser atribuído à vida? E por que em alguns momentos somos tão infelizes?*

*Um livro deve ser o machado que quebra o mar gelado em nós.*

*Franz Kafka*

## Prefácio

Este livro foi dedicado a mim e a você! Pois quem nunca se perguntou: o que é a verdade? Onde ela está? O que é o ser humano? Quem sou eu? Existe sentido na vida? E por que em alguns, ou muitos momentos, não o encontramos e somos tão infelizes? São perguntas filosóficas, sem dúvida, mas são, sobretudo, perguntas existenciais, presentes em todo ser humano, em sua essência, além do tempo, da situação socioeconômica, da etnia, da geopolítica, pois fazem parte da condição humana.

O autor, Leonardo Peracini, foi muito feliz ao nomear este livro: *Sendo Humano: reflexões de uma existência*. Porque, realmente, somente podemos dizer que somos, quando não tivermos mais oportunidades de continuar sendo e nos transformando, ou seja, quando nosso tempo de vida se esgotar. Pois, até essa hora, somos “sendo humano”, com a capacidade de nos tornar uma pessoa diferente, de acordo com nossas escolhas. E sempre é preciso dizer “sim à vida!” E, como nos provoca o autor: “qual o sentido de ver o tempo passar por mais tempo?” a não ser continuar o processo, o caminho de “ser” humano, na busca eterna pelo sentido?

Nesse caminho, nesse processo, podemos adotar várias posturas: a de um andarilho, aquele que anda muito, para qualquer lugar, sem direção; a de um transeunte, aquele que vai andando ou passando; mas que não permanece; a de um viajante, que vai a um lugar determinado para cumprir uma tarefa; e ainda a de um peregrino, que vai em direção a um lugar sagrado, cumprir uma missão. É necessário “assumir a responsabilidade pelas respostas e escolhas; é necessário saber quem eu poderia vir a ser”, como diz o autor.

Em *Sendo humano*, o autor faz um percurso pelas “incertezas do mundo”, sem perder a certeza do Humano. Mergulha nas várias visões de mundo e de homem que nos

são oferecidas, passando pela filosofia e psicologia, algumas vezes submerso no pessimismo e no determinismo, mas sempre retornando à esperança de ser humano: “o mundo externo pode não mudar; no entanto, o mundo interno [...] pode resistir ao caos pelo amor, pelo autoconhecimento e pelo contato com outros seres humanos”. E mesmo diante de um sofrimento inevitável, o autor percebe a possibilidade de “viver um novo sentido”.

Em “Fragmentos de uma vida”, o autor faz referência ao cenário atual de falta de sentido, de vazio, de *stress* físico e emocional, dizendo que uma das maiores causas dessa realidade “é o medo de se encontrar consigo mesmo, de fazer perguntas que não teríamos coragem de nos fazer”, como as que estão na dedicatória deste livro. Através de um encontro vivencial com um desconhecido, mas cujo nome foi registrado neste livro – ressaltando a importância que o autor dá à pessoa humana –, temos o exemplo de um “ser humano repleto de sentido”, capaz de suportar o sofrimento e transcendê-lo.

E para falar do sentido do sofrimento, o autor dedica o capítulo “A vida em seus campos de concentração”. Afirma que “a esperança está relacionada diretamente com o sentido da vida”, e quando falta sentido e esperança, temos vazio, angústia, depressão, suicídios, dependência química, violência... “Quanto sentido ainda não temos por realizar?”, nos pergunta o autor. Com a poesia “Qual caminho é certo?” – aliás, um presente que recebemos ao ler este livro são as poesias intercaladas no texto, a arte nos tornando mais humanos –, o autor conclui que “existe o caminho do dever ser, que é o caminho do sentido” e quando estamos neste caminho, “o peso da vida diminui, nos sentimos seguros, conscientes de que o que estamos fazendo está valendo a pena”. O autor também nos alerta de que a tecnologia, muitas vezes, é um meio de dominação, de repressão (como um campo de concentração atual), e “um dos desafios é não deixar a tecnologia nos desumanizar”, diz brilhantemente.

Tentar até o fim, não desanimar nunca, “sobreviver até morrer”! “Para todos existem as opções, escolher viver ou não. Ser bom em algo ou com alguém. Escolher ser mais ou menos”. Na poesia “A busca pelo Martelo”, o autor exprime pensamentos sobre o amor e a finitude e finaliza:

Sei que vou morrer,  
Mas nunca morri para saber.  
Sei, porque já vi morrer.

A verdade,  
Essa vou continuar a buscar,  
Mesmo sem saber se vou entender.

Entender também para quê?  
Se eu quero apenas existir.

No capítulo “Livre da liberdade”, o autor faz uma constatação: “O homem ficou livre para fazer suas escolhas, mas não pronto para escolher”, reafirmando a necessidade de autoconhecimento para saber escolher. E, na confusão de ideologias e ilusões, corre o risco de se perder na liberdade sem responsabilidade. Completa o autor: “Sem liberdade não há sentido, e sem sentido, não há o porquê de viver”. Para continuarmos nossa peregrinação em *Sendo Humano*, precisamos assumir nossa liberdade, nossa autonomia frente aos determinismos genéticos, psicológicos e sociais.

Nesse caminho, subimos os “Andares da vida: ódio, amor e conhecimento” e mais aqueles andares que a vida nos reserva. Nessa subida, “é necessário, por vezes, fazer saltos para dentro de si mesmo, procurando em nossas profundezas as respostas para as perguntas que nos atormentam”, diz o autor, procurando, no silêncio, o “mais poderoso significado”. Com coragem de sofrer, continuemos nesse caminho, pois “as lágrimas que rolam muitas vezes de nossas faces são convites feitos pelo espírito, para que consigamos redirecionar nossas rotas, superando a nós mesmos como seres humanos”.

Nessas *reflexões de uma existência*, o autor indica a busca da verdade, do autoconhecimento e do sentido da vida pelo homem de hoje, atordoado por tantas informações e estímulos. Transita muito bem por visões de mundo, muitas delas pessimistas, niilistas, deterministas e mesmo reducionistas, até chegar a uma visão positiva, otimista, de esperança, de liberdade, de sentido. Nesse percurso, mesclando filosofia, psicologia, arte, poesia, experiência vivida, vivências, reflexões, encontros consigo mesmo, com o outro, com o mundo, o autor caminha para encontrar o sentido.

Caro leitor, você tem um tesouro em suas mãos, que é a sua capacidade de buscar, encontrar e realizar sentido. Que este livro o ajude nesse caminho; que sendo humanos sejamos também peregrinos! Boa leitura! Alegre realização de sentido!

Paz e esperança.

*Profa. Dra. Marina Lemos Silveira Freitas*

Graduada em Medicina pela FMRP – USP, Doutora em Medicina pela FMRP-USP, Mestre em Medicina pela FMRP-USP. Educadora, especialista em Logoterapia aplicada à Educação pela SOBRAL e pela PUC-PR, fundadora e diretora do Colégio Viktor Frankl e presidente do IECVF – Ribeirão Preto

## Sumário

Para além do tempo.....	9
Incertezas do mundo. Certezas do humano. ....	18
Fragmentos de uma vida.....	32
A vida em seus campos de concentração.....	42
Sobreviver até morrer .....	51
Livre da liberdade. ....	65
Andares da vida: ódio, amor e conhecimento.....	75
Bibliografia .....	87

## Para além do tempo

*Os dias talvez sejam iguais para um relógio, mas não para um homem.*

*Marcel Proust*

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche dizia que "*o tempo é um fardo, e o maior desafio é viver*". Ter consciência ou procurar eternamente a verdade é algo inerente a todo ser humano. A relação entre consciência, responsabilidade e tempo está ligada ao conceito de afirmação da vida. O tempo atua como um limitador de tudo e de todos. Ele ensina, corrige, acalma, e inicia tudo novamente, em seu tempo, com suas incertezas e desejos. "Seja de que maneira for, é preciso continuar a viver" – Fernando Pessoa, nos alertando a dizer sim à vida.

A maioria dos seres humanos deseja viver eternamente. Entretanto, essa maioria se esquece de que o tempo que faz viver, também faz morrer. Contudo, viver eternamente jovem seria mais confortável, penso eu, nos primeiros 150 anos. Pense, depois de um tempo, todas aquelas pessoas que um dia fizeram sentido em nossas vidas já não estariam mais presentes fisicamente. Estariam apenas em fotografias, enraizados em nossas mentes e corações. Seria possível o homem viver de suas imaginações e fantasias? Qual o sentido em ver o tempo passar por mais um tempo?

Mesmo entendendo que a busca pelo sentido é eterna, o tempo não é, ele não tem tempo para começar e para parar. Cada minuto que se passa é uma mordida que retira pedaços na linha da existência. No entanto, pensando por esse lado, se o ser humano vivesse eternamente, seria um eterno sofredor, melancólico, desiludido das ilusões do mundo, doente de saudades, como representa nos filmes a figura dos vampiros, ou

também, no mito se Sísifo, que ficou aprisionado, carregando aquela pedra eternamente montanha acima, no qual poderíamos relacionar o “fardo”, dito por Nietzsche. Mas penso que até Sísifo, vivendo sem sentido, uma vida monótona, preferiria se entregar à morte, buscando assim ser mais feliz do que aqueles que desejariam viver eternamente, sem um “por que ser?”. O Dr. Viktor Frankl, que foi um dos grandes estudiosos da condição humana, com a ótica focada ao sentido da existência, dizia que “(...) enquanto o homem for um ser consciente, é também responsável. Seu dever de realizar valores não o deixa em paz até o instante final de sua existência.” Sísifo não foi preso fisicamente, seu castigo era empurrar uma pedra até o cume de uma montanha. Quando ele conseguia, a pedra descia e rolava novamente abaixo, e com isso, ele deveria recomeçar. Esse castigo era eterno, com o objetivo de provocar em Sísifo um conflito interno, retirando de si o que existe de mais precioso em um ser humano, o sentido da existência, o sentido de sua vida. Contudo, pensando simplesmente na pedra e na função, Sísifo entraria em desespero facilmente; porém, pensando na realização e elevação dos porquês de existir e executar tal função, Sísifo, com certeza, encontraria uma forma de libertar sua consciência de estar ali, fisicamente, criando valores que direcionassem sua mente a algo que ajudasse a suportar tal tarefa, na qual lutava incessantemente reprimindo sua existência como, por exemplo, ao descer a montanha para buscar novamente a pedra, apreciar e contemplar a paisagem. O ser humano, como Sísifo, muitas vezes, cego de sentido, carrega pedras todos os dias, frustrações que o fazem sentir-se preso a algo que muitas vezes foi criado conscientemente e que para ele não pode ser superado, destruído e ressignificado. Não existe transcendência sem ressignificação. Marilena Chaui, filósofa brasileira, escreve em seu livro *Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa*, “que uma paixão, demonstra Espinosa, nunca é vencida por uma razão, mas apenas por outra paixão mais forte e contrária; e uma paixão forte só é vencida por uma ação mais forte e contrária”. Poderíamos substituir a expressão paixão, demonstrada por Espinoza, por sentido da vida, isto é, ilustrando que não existiria vida no ser humano, se não houver sentido em algo que se faça. A paixão aqui, no qual tento ilustrar, estaria no campo dos desejos e delírios.

Em alguns momentos de nossa existência, muitos sentem que estão presos em si, em suas vidas, e que nada irá mudar, pensam que viver de e do sofrimento é o único caminho que deve ser percorrido. Com suas visões nubladas, reprimem suas vidas, vivendo em dinâmicas de reflexos, apenas reagindo ao que vem de encontro. Na maioria

do tempo, não se sentem verdadeiramente vivos, com espírito pulsando, suas fantasias impedem de olhar para outro ângulo. Inquestionavelmente, vivem das migalhas de feridas internas causadas pelo passado, que também são construtoras das bordas e margens de sua existência. Por isso, sentindo-se pequenos, com pouco espaço, ficam sempre com sentimentos de aprisionamento, angústia e vazio interno. Como essa frase que vai morrendo pela sua leitura, do mesmo modo, seguimos uma dinâmica assim, vivemos como se fôssemos feixes de vida, em uma faixa existencial que é dinâmica. Esse movimento, que é contínuo, nos força a sempre estar buscando algo a se apegar, algo que nos segure. O que passa não é apenas passado, é vida vivida e lixo produzido. A separação entre vida e lixo deve ser feita por aquele que sentiu o que fez sentido e o que não fez. O que não, a reciclagem é obrigatória. Temos esperança no que está por vir, e deve ser assim, esse é o mecanismo de reciclagem mais poderoso de um ser humano. O que passou por inteiro está morto, o que ainda vive são fragmentos de vida vivida, de algo que se conecta no agora e ganha vida novamente, como uma mistura de energia que atrai o que passou e o que está passando, interagindo por meio de transformações. A paixão ou delírio, depois de vivido, vai para o campo dos lixos, das fantasias, mas o amor, o sentido último, se immortaliza, se modificando constantemente, por isso que o tempo, que passa e não volta, é também a chama que ilumina a saída, provocando uma ansiedade em buscar algo que valha a pena existir, experienciar, esperar.

O tempo que cura é diferente do tempo que mata. Albert Einstein dizia que o ser humano é muito esquisito, porque ele não pede para nascer, não aprende a viver e não quer morrer. Buscar a verdade, é o caminho para o sentido da vida. Afirmar a vida como vida, com vontade de viver, é algo grandioso, que exige reflexões traumáticas, questionáveis do porquê e para quê devemos viver. O filósofo Jean Paul Sartre alertava que primeiro o homem deve se definir, se personalizar, para depois existir. Peguemos como exemplo a crise do vazio existencial, que na maioria das vezes está relacionada com a despersonalização e desumanização do ser humano.

Por acometimento de áreas psicofísicas ligadas a conexões internas, relacionadas ao sentido da existência, Sartre também dizia que a cada minuto que se passa não é um minuto a mais de vida, mas sim um minuto a mais de morte. Entretanto, mesmo essa reflexão existencialista, que nos conduz a pensar que o ser humano está direcionado para um nada, um caminho determinado, podemos também extrair que a vida, mesmo caminhando para o nada, caminha; e caminha porque existe uma missão, um sentido a

seguir, mesmo que seja o caminhar sem entender aonde e o que será encontrado. Quantas vezes saímos de casa para caminhar, sem pensar aonde vamos, o que vamos fazer, pensando em apenas caminhar, saímos simplesmente andando, sem destino. No entanto, pensar que sofreremos para nada, seria um extremo, pois querer tirar o sofrimento, que também faz parte da vida, é querer tirar a própria vida. Quando caminhamos, estamos sofrendo fisicamente, nosso corpo necessita catabolizar muita energia, a fim de manter o equilíbrio de energia necessária para que a caminhada seja feita. Contudo, a caminhada nos impulsiona, abrindo uma brecha no instante do tempo, catabolizando e anabolizando energia física, como o instante que, quando tem sentido, transborda, desnudando o antes e o depois, ressignificando a vida.

### **Antes e Depois**

O que existe depois do antes é o instante.  
Depois do depois não é o lugar no futuro.  
Apenas fantasias.  
No instante do futuro  
Existe apenas a morte.

E as fantasias?  
Não existem.  
Eu apenas fantasio para tentar aguentar o instante,  
O tranco do futuro.  
Vivo de antes e não de depois.

Memória,  
Minha maior obra,  
Minha vida comprimida  
Não escrita,  
Mas sentida.

Olho para cima,  
Reconheço as nuvens.  
Estão lá,  
Mas nunca estiveram lá.  
É um instante.

Vida,  
Pulsão transbordante que acontece.  
Instante insuportável pela memória.  
Nunca saberei decifrá-la.

A consciência, que é dinâmica e mutável, orienta o homem aos seus objetivos, retratando suas carências e verdades dissolúveis. O ser humano luta e reluta para satisfazer o que em seu interior não entende, e que não está consciente, mas que existe. Com efeito, para existir não é necessário lutar, e sim, ser livre para escolher. Existir é não pensar, é apenas existir, ser, buscando ser, ser o que for, mas assumindo a responsabilidade pela vida com coragem, buscando a luz da existência inconsciente e espiritual, das ilusões e verdades.

Sigmund Freud dizia que viver é trocar uma ilusão pela outra. Eu completaria dizendo que, mesmo trocando uma ilusão pela outra, é preciso ter consciência do que se está trocando, e assumir a responsabilidade pelas respostas e escolhas apresentadas por nós ou pela vida, pois é necessário saber quem eu poderia vir a ser. Acreditar que é possível ter uma missão a cumprir, a se realizar, a ser quem eu ainda não sou, mas que desejo ser, existindo no mundo, como uma meta a cumprir, desenvolvendo uma personalidade com um sentido próprio, diante do contexto em que eu estou inserido, como, por exemplo, um organismo que luta para sobreviver; junto há outros organismos, vivendo em um sistema aberto, que é natural, possível de se realizar a vida. Viktor Frankl dizia que “O sentido da vida é a própria vida”. Ela que se deve realizar por si, como se sentíssemos que estamos existindo, conscientes, buscando algo, sem pensamentos fechados, reducionistas, como por exemplo, encontrados no senso comum: “Filho de peixe, peixinho é”, mas sim, caminhar para pensamentos abertos, incertos de desejos e memórias, sem paradigmas e preconceitos. Um filho sofre grande influência de seus pais, mas nunca sua vida será igual à de seus pais, pois cada vida tem uma missão, uma meta a cumprir, algo a se realizar.

Cada ser humano carrega em si seus filtros sociais, condições existenciais, personalidades e dimensões, todas elas incumbidas de construir a si mesmas. Um grande músico, com talentos e habilidades desenvolvidas, sempre será um grande músico, porque está nele ser músico. Mesmo com seu instrumento desafinado, uma corda arrebentada ou algo quebrado, ele continuará a ser um grande músico, mesmo com sua música desafinada devido à falha no instrumento. O problema não está nele, mas sim, no instrumento que necessita ser afinado, consertado ou de um especialista que faça a manutenção no objeto. Quantas vezes eu e você não precisamos de um especialista? De um tempo para afinar nosso instrumento? Observe, mesmo em situações difíceis, sentimos algo em uma dimensão mais profunda, nos chamando a continuar, para que não desistamos de ser o

que realmente deveríamos ser. Porém, a escolha, mesmo impulsionada por nossas pulsões ou paixões, terá força se decidirmos conscientes de que somos livres para escolher estar na direção de um sentido, buscando nos realizar dia a dia. Se pensarmos que será difícil ler determinado livro, nunca vamos conseguir lê-lo, pois saturamos os pensamentos com preconceitos fechados, que bloqueiam nossas ideias de se formarem. Os animais vivem tão bem, porque em seu mundo não existem preconceitos, não existem escolhas, o instinto é o único pilar.

Diante da discussão, e buscando saídas, poderíamos relacioná-las a um tripé, onde o primeiro pé seria a vontade de ser livre para escolher, e o segundo, a vontade de sentido, onde ficamos conscientes da busca e direção. E por último, o terceiro, da realização do sentido da vida.

Frankl também escreveu que “(...) a disposição psicofísica e a posição social, ao lado da disposição vital, formam juntas a situação natural de um indivíduo, mas este não é o fator de decisão final. A última a decidir é, antes, a pessoa espiritual – a atitude pessoal em face da situação natural”. Tudo está à disposição para ser utilizado: os filtros sociais, a hereditariedade e o destino que a vida irá nos apresentar. Portanto, tudo isso está atrelado à dimensão espiritual, que se manifesta, nos direcionando para a melhor resposta. Essa dimensão espiritual é caracterizada por alguns autores como essência, dons, existência, paixões, variando da área de conhecimento. Em nosso caso, utilizaremos a definição feita pelo Dr. Viktor Frankl, dimensão espiritual, que é, segundo ele, a mais importante do ser humano, impossível de contaminação pelo ambiente externo. Ela pode ser abafada, obstruída, mas nunca fica doente. Sempre ali, no cerne humano, como uma vela eterna que nunca se apaga. Mesmo depois que sua cera é consumada, seu pavio continua a queimar, pois ele é eterno. Essa dimensão existencial que traz a propriedade de independência frente aos laços e à pressão do orgânico, sempre aberta ao mundo, em uma medida ilimitada, propulsiona a vida a sempre buscar mais vida. Essa dimensão se apresenta em momentos quando sentimos que intuímos algo de grandioso, que se aproxima da verdade, de um pensamento evoluído que dá mais certeza, de algo que é o que é, mesmo quando não conseguindo identificar logicamente o que seria. Ela se apresenta ao ser humano como um sentido raro, que o projeta a aprender com ele, com aquilo que está sendo experienciado. Intuir é raro, como também aprender com a experiência, se percebermos na maioria das vezes estamos entediados, executando

repetidamente as mesmas coisas, diferentemente deste sentido verdadeiro que descortina o que ainda não se viu, que promove o encontro.

Nunca fui a Viena, mas tenho uma vontade enorme de estar lá, visitar cada pedaço, cada lugar vivido pelos grandes pensadores, músicos e artistas. Sei que a Viena que vive em mim pode ser uma grande ilusão. Tenho medo de visitá-la e dissolver tragicamente essas ilusões que eu criei e alimentei durante todos esses anos. Quantas vezes eu e você não criamos mapas mentais e pessoas que não existem? Idealizamos relacionamentos e trabalhos, nos alimentando de ilusões, as quais podem nos retalhar ou proteger através de cenários saudáveis criados por nosso mundo interior. Com efeito, viver sem se iludir seria impossível, todo ser humano necessita de uma dose de ilusão, encarar a verdade seria insuportável. Porém, a brecha existencial está em suportar a vida, em seu caráter de sentido, decifrando cada movimento, cada sentido, vivendo, apenas vivendo. Aqueles que não conseguem refletir sobre esse ângulo não são pessoas desumanas, sem sentido, mas talvez, pessoas que não conseguem se expor por um tempo frente às verdades da vida. Para um bebê, um sonho é melhor do que ficar acordado, encarando os estímulos externos.

Albert Camus escreveu em sua obra, Primeiros cadernos: *“Céu de trovoada em Agosto. Aragem escaldante. Nuvens negras. No entanto, do lado do nascente, uma faixa azul, delicada, transparente. Porque a beleza é insuportável. Ela desespera-nos, eternidade de um minuto que desejaríamos prolongar pelo tempo fora.”* Essa reflexão também evidencia por que as crianças vivem e transbordam tanta alegria. O homem, quando consciente do tempo, e que se posiciona na vida, respondendo suas perguntas perante a todas as condições, buscando o sentido em tudo, fica livre, não da vida, mas de si mesmo, se elevando verdadeiramente como homem, através da dimensão espiritual, acima do mundo e de si mesmo, transcendendo, como também escreveu o escritor Franz Kafka: “Quem possui a faculdade de ver a beleza, não envelhece”.

### **A vontade que sobrou**

Se tirarem o espírito,  
Sobrarão os filtros sociais.  
Se tirarem os filtros sociais,  
Sobrará apenas a vontade  
De reprodução.

Pernas pra correr atrás de comida e sexo.

Gorduras pra sobreviver na corrida  
Por comida e sexo.

A vontade que sobrou  
Foi a mesma vontade  
Que um dia desejou  
Ser espírito.

Uma maçã tem como vontade  
Reproduzir outra maçã.  
Um homem outro homem.  
Mas e o espírito dos homens,  
Iniciou depois da maçã?

Não sei.  
Só sei que maçã não tem espírito,  
É que nem pedra.

Pedras e maçãs não sentem saudade.  
Pedras vivem rolando pra frente.  
Maçãs querendo ser macieiras.  
Tanto um quanto o outro desejam o futuro.  
Não sabem que vão morrer.

O espírito sente vontade de escolher.  
Vontade de sentir.  
Comemorando a própria vida.  
Memorizando cada vida vivida.  
Ele sabe que pode viver.

Homem sente saudade,  
Espírito rola para trás,  
Querendo voltar a ser criança,  
Empurrando o homem pra frente,  
Construindo a gente.

Pedra não sente nem dói,  
Só quando nos acerta.  
Espírito dói  
Quando sente que está virando pedra  
Querendo apenas comida e sexo.

Homem sente saudade,  
Chora, reclama, sofre.  
Mas se tirarem o sofrimento,  
Estarão também tirando sua vida.  
Sofrimento é uma parte da vida.

Contudo, se tirarem seu espírito,

Tirarão sua beleza.  
O homem não será mais homem,  
Será pedra.  
Rolando pra frente, firme, estúpido,  
Ausente de pensamentos.  
Sem saudade, sem vida, sem passado.  
Apenas pedra.  
Homem pedra.  
Lápide fixada.

## Incertezas do mundo. Certezas do humano.

*Não é necessário sair de casa.  
Permaneça em sua mesa e ouça.  
Não apenas ouça, mas espere.  
Não apenas espere, mas fique sozinho em silêncio.  
Então o mundo se apresentará desmascarado.  
Em êxtase, se dobrará sobre os seus pés.*

*Franz Kafka*

O filósofo Luiz Felipe Pondé, certa vez disse que “o ser humano é o ser que mais sente dor no mundo”. Lembro-me até de uma comparação que ele fazia, dizendo que um cachorro era feliz por não saber da “missa a metade”. Ele também dizia que nós, seres humanos, por conhecer e experimentar ilusões e desilusões, estamos sempre caminhando para a boca do abismo. Pensar nessa linha trágica é importante. Quem nunca sofreu? Ou sentiu-se frustrado por algo que deu errado? No entanto, não tem como fugir da dor, do sofrimento da vida, de nós mesmos. O ser humano está sempre à beira do abismo, mas não é por essa ideia que devemos desistir de viver. E sim, aprender a lidar com as frustrações, dores e desesperanças, tentando entender a si mesmo e a condição humana, não como um papo de autoajuda, mas com o objetivo de aumentar as nossas potências humanas, pois não temos como fugir, somos assim, seres pensantes, frustrantes, correndo atrás do substrato de nossas necessidades, amando, odiando, testemunhando a morte em tudo que se vê enquanto está vivo. A dor faz parte da vida. A morte ronda tudo e todos, todos os dias, basta parar e querer enxergar. Observe uma vela, que ao chegar ao seu fim, no encontro com sua morte, (seu fogo) apaga lentamente, e ela a partir daí não é mais vela, não serve mais como vela, precisa ser trocada, pois se transformou em um monte de cera derretida. Contudo, uma vela só é uma vela quando está acesa, cumprindo sua missão de vela. Porém, para uma vela ser acesa é necessária uma chama ou outra vela

que já esteja acesa. O fogo que queima na vela representa a energia existencial, o amor próprio, narcisista que é projetado a algum objeto de desejo. O fogo que queima ao nosso lado, em outra vela, representa o amor de transferência, que está no mundo externo, também objeto de projeções. Tanto um quanto o outro alimenta o ser humano a buscar um ideal, um sentido para seus desejos conscientes e inconscientes. Porém, o desequilíbrio entre eles, ou seja, o excesso de amor próprio e a falta de ser amado, ou vice-versa, provocam angústias e aumenta o vazio existencial, causando sentimentos ambivalentes entre amor e ódio, que são fios condutores de muitas neuroses. O Dr. Freud também nos alertou, escrevendo em um de seus artigos sobre a técnica psicanalítica que “Ninguém espera que se possa erguer uma pesada mesa com dois dedos, como um leve banquinho, ou construir uma casa grande no mesmo intervalo de tempo que uma palhoça, mas quando se trata de neuroses, que não parecem estar incluídas no conjunto do pensar humano, mesmo pessoas inteligentes esquecem que existe proporcionalidade entre tempo, trabalho e êxito. O que é, aliás, uma compreensível decorrência da ignorância profunda acerca da etiologia das neuroses”. Começar por conhecer a si mesmo seria o primeiro ponto de partida para triunfar sobre si mesmo, entendendo que antes de começar a caminhar é também necessário compreender primeiro como é a biomecânica do nosso andar, a propósito de entender o quanto conseguiremos caminhar na distância que deverá ser percorrida. O sentido da vida humana é inesgotável, como a caminhada, o universo que está em constante expansão e a geometria que nasceu de um ponto. Contudo, continuo a viver porque não sei quem sou. Continuo porque continuando me afastando da morte. Continuo porque querem que eu continue. Continuo fugindo do continente em que caminho porque ainda não determinei todo meu conteúdo. Porque continuo eu sei. Não sei por que deveria parar. Então continuo, como um ponto que depois de um ponto não é mais ponto por querer continuar-----

### **A cura que mata**

O remédio para curar arrogância  
Chama-se amor.  
Os apaixonados se rebaixam  
Por aquele que ama.

O amor é arrogante,  
Faz o apaixonado se sentir humilhado.

Contudo, o remédio para curar o amor  
Chama-se amor próprio.

Alguém que ama sempre perde uma parte de si se rebaixando a outro, em uma posição humilde. Observem os recém-casais no início do namoro, o quanto eles se rebaixam e toleram um ao outro. Como também o investimento em si mesmo, no amor próprio, nos deixa idealistas, rebaixados em nós mesmos, procurando um sentido, um objeto a ser amado, a fim de se elevar.

A busca pelo sentido se dá por meio de um distanciamento de si mesmo, buscando algo ou alguém, tentando por intenso esforço reconquistar a si mesmo, juntando as peças que se deslocaram na busca pelo ideal de sentido. Imagine uma cartela de jogo do bingo onde o destino são os números lançados pela roleta, sendo a tabela sua vida que está sendo vivida, com os números que você escolheu, que nada mais é do que suas escolhas, como por exemplo, os relacionamentos, trabalhos, cultura, onde viver, etc. Porém, quem faz o sorteio dos números é o destino. Aqueles preenchidos na cartela que escolhemos, com as mais variadas formas de conexões, levam aos prêmios ou ao fracasso. O preenchimento perfeito é a relação positiva entre as escolhas da vida e o encontro com o destino, que levam ao sucesso, satisfação ou sentido. Contudo, o destino lança os números em uma sequência onde nossas escolhas, por mais que não estejam alinhadas, acabam sendo preenchidas e conectadas umas nas outras, fazendo com que as conexões se alinhem e criem a conexão perfeita. O prazer de ganhar é o desejo realizado, satisfeito, com sua meta atingida. Os números lançados pelo destino, e não marcados na tabela, é o insucesso do estímulo que não alcança sua meta, do desejo não realizado e da conexão não efetivada. Entretanto, ainda vivos, esperamos ansiosamente os novos números a serem sorteados, que representa outra tentativa de se satisfazer. Porém, muitas das vezes muitos números serão sorteados, serão marcados, mas não farão a conexão idealizada, que é aquela necessária para que o estímulo, que percorreu parte do caminho, atinja sua meta por completo, alcançando o sentido pleno. Com isso, criam-se sofrimentos internos, frustrações e repressões de desejos não atendidos, reprimidos, incompletos. O recalque ou a superação de uma conexão não atingida é um movimento interno, importante, para que aja uma substituição, ou melhor, uma mudança de estratégia que leve outros caminhos para que os desejos, que podem mudar, sejam atingidos ou substituídos. Nós, seres humanos, dia a dia estamos preenchendo em nossas tabelas da vida os números lançados

pelo destino, escolhendo novas tabelas e números que possam gerar cada dia mais satisfação e sentido em viver. Portanto, mesmo diante de muito sentido, frustrações, angústias e situações plenas de sentido, o ser humano deve se sentir inacabado, sempre esperando o último dia, a última jogada.

Toda vida tem um começo, meio e fim. O tempo é o senhor do destino, que retalha e retira pedaços a cada momento. Mas a vida exige coragem e persistência para manter-se resistente frente à pressão imposta pelo mundo. O mundo não deu e não dará certo. Mas o ser humano pode dar, através da busca do sentido da vida. Mesmo no abismo, a alegria ou o sofrimento de estar vivo deve reinar. Olhar para a desgraça e mudar os ângulos são caminhos humanizados, a favor da vida, que responde com responsabilidade. Aliás, a palavra responsabilidade tem relação direta com a palavra responder. Responder a vida com responsabilidade é afirmar a vida como vida, não a questionando, mas sim respondendo às perguntas feitas à existência, amando o destino e entendendo o lugar ao qual pertencemos no mundo. No livro de artes, produzido pela Taschen, sobre a obra de Michelangelo, existe um trecho lindo, que representa as várias respostas de grandes homens que souberam responder sobre um mesmo olhar, com respostas diferentes, segue: “(...) a beleza para Rafael era a própria promessa da felicidade, para Leonardo da Vinci a instância de um mistério; para Michelangelo, ela torna-se em princípio de tormento e de sofrimento moral. Ninguém levou tão longe a intuição – tão claramente afirmada pelos platônicos de Florença – que o apelo da beleza é, pelo movimento do amor que ressoa no ser por inteiro, a força criadora por excelência, digna só de uma alma nobre. Mas ninguém experimentou de maneira mais dolorosa a dificuldade de desligar das formas sensíveis a beleza e de sublimar inteiramente o amor.” Complementamos com Johann Wolfgang von Goethe, “Sem ter visto a Capela Sistina, não se tem uma ideia clara do que o homem é capaz.”

A dimensão existencial, mesmo acometida por situações limites, pode se reerguer e reestruturar-se através da realização do resgate de sentido. O fato de existir como ser humano não está ligado a nenhuma dimensão fisiológica, mas com a dimensão espiritual, existencial. Não sonhe que o universo vai conspirar a seu favor. Para realizar sentido na vida, é preciso entregar para a vida algum tipo de trabalho, loucura exprimida. Como pode o ser humano se realizar sem ação? Se realizar profissionalmente se não existir o trabalho? Para existir satisfação, sentido, deve-se antes existir uma ação, um começo, “um pontapé inicial” todos os dias. A autorrealização pessoal é como um bumerangue, que para voltar

após lançado, é preciso antes ter sido lançado e existido o bumerangue. Nenhum palito de fósforo se acende se não houver uma reação. Se tal bumerangue ficar guardado na caixa de brinquedos, ele nunca irá voltar, pois nunca foi lançado. Quantos bumerangues muitas vezes ficam guardados dentro de nós, esperando serem lançados? Talvez não exista uma vida autorrealizada, se não houver uma vida de trabalho e dedicação, de bumerangues lançados. Para o mundo, se você não existisse, você não faria nenhuma falta. O mundo é uma coisa grande e seca, que ilude, pressiona e usa do tempo como meio de lutar contra a vida. Um dos maiores mal-estares da sociedade é sentir que tudo que existe pode ser um pano de fundo para nos manter distraídos, vivendo. O trabalho, os relacionamentos, instituições, sistemas, etc. Todos eles estão fadados a serem brinquedos que estimulam a vida a permanecer envolvida nessa roda gigante da busca do prazer e das ilusões. Mas será a vida apenas uma passagem por um mundo que, mesmo não dando certo, está programada para ser uma vida sem sentido, infeliz, repleta de sofrimento e ilusões? Os poetas tiram esse peso com maestria: "Não me toquem nessa dor / ela é tudo que me sobra / sofrer, vai ser minha última obra." Paulo Leminski - "O Essencial da arte é exprimir; o que se exprime não interessa." Fernando Pessoa - "Viver com cautela é perigoso." Nietzsche - "Faça o que for necessário para ser feliz. Mas não se esqueça de que a felicidade é um sentimento simples, você pode encontrá-la e deixá-la ir embora, por não perceber sua simplicidade." Mário Quintana.

Existem dois caminhos para ser resistente ao tempo e à vida. Primeiro, o caminho da coragem e da vontade de viver. Segundo, o caminho da busca do sentido e autoconhecimento. Jung dizia que "Quem olha para fora, sonha. Quem olha para dentro, acorda". Porém, mesmo com essas opções, a morte baterá à porta, ela faz parte da vida. O mesmo Jung, repleto de consciência e entendimento sobre a condição humana, escreveu: "Meu exterior está em estranha oposição a meu espírito. Quando eu morrer, ninguém pensará que este é o cadáver de um homem que teve aspirações espirituais. Sou o confronto de opostos. Isso torna terrivelmente difícil entender-me."

Talvez o ser humano, por não buscar o sentido pleno de sua vida, cria um problema, este na maioria das vezes inconscientemente. Ele deposita todas as suas energias e expectativas numa única coisa, acreditando que essa única coisa irá resolver todas as suas necessidades. Apoiando novamente em Jung, citado por Claire Dunne, no livro *Carl Jung – Curador ferido de almas*, temos o pensamento: "As pessoas vivem apenas em um ou dois andares de um grande edifício de apartamentos que é a nossa

mente, esquecendo o resto”. Temos como exemplo aquelas pessoas que, depois que se aposentam, entram em depressão, em estados de profundo sofrimento e descrença da vida. Outro exemplo são alguns atletas, que depois que conquistam a medalha de ouro e atingem as maiores marcas e recordes, ficam depressivos, sem vontade de viver. Não indo tão longe, temos os casais, que quando um morre, o outro não aguenta a solidão e a dor da perda, e morre junto.

Depositar toda energia e expectativa em uma única área da vida pode ser uma armadilha. Provavelmente, existir como ser humano é aprender a morrer. E para morrer, é preciso ter sentido no que se viveu. Viver é um perigo! Como escreveu o poeta Friedrich Hölderlin, “Lá onde está o perigo cresce também o que salva”. Complementa também o mito clássico do enigma da esfinge, que sempre questionava, “decifra-me ou te devoro”. Viver é decifrar as verdades da vida, sonhando acordado.

### **Datas do tempo**

Tenho uma dívida com a natureza.  
Os dias são as parcelas.  
O número de parcelamentos eu não sei,  
Sei que os valores são medidos em momentos.  
Momentos acordados e sonhados.

Acordado, ando vivendo em ilusões,  
Suportando a vida,  
Com medo da última parcela.  
Sentido, arrancado do bico do seio.

Dormindo, vivo sonhando. Desnudo-me.  
Tentando não acordar  
Por ter que vestir-me outra vez.  
Quero viver,  
Viver sonhando,  
Sonhos egoístas, onde tudo é meu.  
Neles não existe tempo e nem parcelas a se preocupar.  
São paisagens, prazeres,  
Como os seios que gotejam na boca.

Vivendo, dormindo, seria melhor.  
Viveria de delírios e não de ilusões.  
Viveria de amor delirante, verdadeiro,  
E não das minhas mentiras e de meus companheiros.

Nos sonhos o vazio não se manifesta,  
A saudade não existe, todos estão ali.

O sofrimento é curado com paisagens.  
Imagens, que são todas minhas e de mais ninguém.  
Neles o tempo não serve como cura.

Um dia sei que vou dormir,  
Saldar minha dívida,  
Como todos aqueles que já vi saldar.  
Será triste, uma pena,  
Não viverei mais sonhando, delirando.  
Não terei mais aquelas paisagens, minhas imagens,  
Meus delírios de amor.  
Restará apenas meu registro de passagem.  
As datas do tempo,  
O desfazer que não pode ser desfeito.

Mohandas Gandhi escreveu que “(...) o homem converte-se aos poucos naquilo que acredita poder vir a ser. Se me repetir incessantemente a mim mesmo que sou incapaz de fazer determinada coisa, é possível que isso acabe finalmente por se tornar verdade. Pelo contrário, se acreditar que a posso fazer, acabarei garantidamente por adquirir a capacidade para fazê-la, ainda que não a tenha num primeiro momento (...)”. O mundo externo pode não mudar; no entanto, o mundo interno, onde vive a vida no ser humano, pode conseguir resistir ao caos pelo amor, autoconhecimento e contato com outros seres humanos, como evidencia o filósofo Jean-Paul Charles Aymard Sartre, que escreveu: "O ser para-si só é para-si através do outro".

Acreditar que é possível talvez seria o primeiro passo a se experimentar. O acúmulo de experiências é como peças que se encaixam em um determinado quebra-cabeça, onde a peça final seria a experiência única, o objetivo maior a se experimentar, almejado, sonhado, desejado.

No final de 2012, minha esposa engravidou; não estava em nossos planos, programamos a gravidez para o ano seguinte, devido a várias mudanças que estavam acontecendo em nossas carreiras profissionais. Contudo, ficamos muito felizes, pois tínhamos o sentimento de que essa gravidez, mesmo se antecipando, seria uma de nossas experiências únicas, grandes, desejadas, na qual trabalhávamos tanto. Inesperadamente, aconteceu que um dos nossos maiores objetivos, ou experiência desejada, fora atingida antes do esperado, e isso era incrível. De uma hora pra outra tudo mudou, a família toda entusiasmada, nós, jovens e saudáveis, sentíamos um pulsar diferente, sonhávamos o dia inteiro, trabalhávamos ainda mais, movidos por um sentido único, depositado em alguém.

Do mesmo modo, outras pessoas à nossa volta sentiam-se motivadas a viver, depositando, também, seus sonhos e libido nesta experiência, que movia não só a nós, o casal, mas a família inteira e os amigos. Mesmo antes de o bebê nascer, todos já experimentavam parte desta experiência única, como se fossem doses diárias, cada dia um motivo maior. Alguns familiares que, doentes, se viam questionando, dizendo que precisavam se tratar melhor e cuidar muito bem da saúde, porque estava um neto ou bisneto a chegar neste mundo. No entanto, no dia 26 de dezembro de 2012, minha esposa começou a sentir dores insuportáveis acompanhadas de sangramentos. Por volta das 16h30min, estávamos no hospital, a fim de entender o que estava acontecendo. O médico, simpático e muito gentil, pediu na consulta um ultrassom de emergência. Fomos eu e ela para sala de ultrassom; lembro-me como se fosse agora, ela deitada na cama de análise, eu sentado a uma cadeira ao lado, por volta das 19h00min. A médica, que estava de plantão naquele dia, durante o exame nos mostrou o coração do bebê batendo, mas também nos disse que ele estava alojado nas trompas, e que era uma gravidez ectópica. Fomos novamente para a sala do médico, arrasados, em silêncio, mas com a alma gritando de sofrimento, pois já sabíamos que o bebê teria que ser abortado. Recebemos então a notícia do médico, que disse que minha esposa corria risco de vida e que precisaria ser operada naquele instante. A trompa direita deveria ser retirada junto ao bebê, pois o risco de uma hemorragia era grande. Por volta das 24h, eu e minha esposa já estávamos sentados em uma sala próxima ao departamento cirúrgico, esperando os médicos chamarem para cirurgia. Em silêncio, sozinhos naquela sala, sofrendo, assombrados, ficamos abraçados, sentados em duas cadeiras, saboreando lentamente cada dor, cada sentimento que retalhava a alma. Aproximadamente às 2h, eu, sozinho, tentando suportar todas aquelas péssimas notícias, recebia mais uma, só que desta vez uma excelente notícia, de que a cirurgia tinha sido um sucesso, e que tudo ocorrera bem. Contudo, essa experiência, marcante para nós, o casal, evidencia, sem surpresa e mais delongas, que diariamente inúmeras pessoas passam por momentos assim e, claro, muito piores. Entretanto, gostaria de evidenciar que o “como” suportar tais momentos, superando uma ideia ou ilusão preenchida, desejada e apreciada em nosso aparelho psíquico por dias, anos ou décadas, em resumo, é o que afeta as diferenças, isto é, a linguagem dos sentimentos e da dor humana, o como superar esse abismo, queixas ou vazio interior, no processo de “limpeza da chaminé”, redirecionando os sentidos, libidos, e acomodando os porquês e para quês internos, a fim de tirar sempre proveito de qualquer frustração. Confesso, fiquei surpreso durante todos esses dias de sofrimento, pois nunca tinha percebido o quanto a minha esposa me amava. Sempre

tivemos um excelente relacionamento, construído com muito amor, carinho, respeito e sem poder se queixar de nada. Surpreendentemente, um sentido maior nos possuiu durante esses dias, tanto a mim, quanto minha esposa, que mais tarde também me confessou que estava sentindo que estávamos mais juntos ainda; por conseguinte, essa fala me deixou fascinado, pois seu conteúdo era algo além de um simples diálogo, ele estava em uma instância maior, nos possibilitando viver um novo sentido, ultrapassando o que já estava bom, com sentido, a ficar ainda melhor, com uma nova perspectiva, a propósito de ver que é necessário existir uma estrutura para se obter algum sentido, que gere uma ligação entre nós e alguma distância qualquer, por exemplo, o mundo, algo ou alguém. Isso tudo funciona, quando nós admitimos que sempre existirá algo para ressignificar, com o fim único de possibilitar perceber o sentido.

Talvez, o “dar certo”, intitulado no tema do capítulo, seria aprender a lidar com a felicidade do acaso, pois somos felizes por natureza, e certamente, poderíamos nos tornar um pouco mais, não pela busca ou sofrimento, mas pelas respostas ao acaso, isto é, uma felicidade ou sentido singular, distinto, onde a responsabilidade pela felicidade deve ser assumida, com um sentimento, que está se vivendo além da civilização, ou seja, vivendo um sentido único, grande, que nos levaria a não ter medo, e sentimentos de fuga ou irresponsabilidade, como por exemplo, quando duas pessoas não conseguem lidar com uma situação sem sentido, que está além de si mesmas, fazem “loucuras imorais”, muitas vezes prazerosas, mas irresponsáveis, como também podem ser frustrantes e avassaladoras, causando danos. Quem vive só pela emoção vive sempre em perigo. Quem vive pelo sentido deixa se atrair e envolver por ele, responde com responsabilidade, sentindo quando se deve correr perigo. Como nos ensina o psicanalista brasileiro Jorge Forbes, em outro vértice, com o exemplo dos franceses, que chamam o orgasmo de 'petit-mort' (pequena morte). “Por isto é que os amantes no momento de orgasmo se agarram. Não é apenas carinho, se agarram também por que sentem medo de ‘cair’, de se ‘perder’. Uma das frases habituais, e quem já esteve lá sabe do que estou falando, é ‘me segura forte, me aperta’. O ‘me aperta’ quer dizer: ‘estou com uma sensação de enlouquecimento, estou me deparando com uma felicidade pela qual não sei me responsabilizar”. A busca pelo sentido, o “dar certo” sempre estará em meio às nossas confusões e conflitos, sem uma verdade provada, mas sim encontrada, às vezes, por um simples instante.

## Instante

O amor destrói o Eu.  
A paranoia o reconstrói.  
Seres humanos, semideuses.  
Apenas tentativas de cura.

Mundo externo,  
Mundo interno,  
Projeções sonhadas.  
Fixação angustiante,  
Assombrada, feliz.

Luto,  
Flutuação interna da alma.  
Delírio de grandezas,  
Paranoias do amor não realizado.

Impulso reprimido,  
Desconstruído,  
Deformado.

Vontade de amar,  
O Eu de ser amado.  
O Eu que ainda não sou Eu.

Paranoia da alma,  
Dor física manifestada.  
Tempo que engrandece.  
Delírio de perseguição.  
Contrassenso do pensamento.

Amor exacerbado,  
Imperfeito em sua perfeição.  
Inocência, sentimento infantil,  
Alma da alma.

Vida contagiosa.  
Fantasia verdadeira.  
Perda fragmentada,  
Passageira.  
Como vento a brisa,  
O tornado a soprar.

Amor que não precisa de roupa,  
De carros,  
De casas.  
Nada exagerado.

Um olhar que não era meu.  
Batidas de uma alma,  
Histórias de um coração.  
Natureza divina,  
Perfeita imperfeita.

Instante.  
Vento que sopra...  
Preciso de um médico.  
Preciso de um médico.  
Preciso de um médico.  
Preciso...

Mundo interno,  
Mundo externo.  
Pai!  
Mãe!

Médico de almas!  
Preciso de um médico...  
Preciso de um médico...

Ludwig Van Beethoven, que era um admirador de Napoleão Bonaparte, por sua coragem e representação de justiça, tinha a ideia de escrever uma sinfonia e dedicar a Bonaparte, por admiração às ideias da revolução francesa. Entretanto, quando Napoleão proclamou-se imperador da França em maio de 1804, Beethoven, indignado, violentamente apanhou uma faca e rasgou o papel onde estava o nome de Napoleão. Esse exemplo, evidenciado pela vida de Beethoven, chama-nos novamente atenção, nos alertando que por mais que o outro nos decepcione, não atendendo as nossas expectativas, temos como responsabilidade assumir primeiro uma postura flexível perante nós, sem idealizações e fantasias, a propósito de nos perguntarmos por que estamos pensando assim, agindo muitas vezes agressivamente, reagindo de tal maneira que passamos a assumir uma postura egoísta, infantilizada e primeva. Nestes casos, é importante também

se perguntar: por que isso aconteceu para que eu sentisse tal frustração e reagisse de tal maneira? Igualmente, em situações parecidas apresentei também as mesmas reações? De uma forma mais ampla, global, tentar entender nesta última pergunta o que está acontecendo com a sua vida, tentando abrir reflexões que situem ou sinalize um caminho mais adequado. Talvez, também, tentar entender que não existe nada além do que se pensa e que se sente, podendo ser tal frustração, apenas um produto fantasioso construído por algum mecanismo interno de satisfação. Apoiando no filósofo, historiador e ensaísta escocês David Hume, que escreveu em seu livro *Investigação sobre o Entendimento Humano*, que “Nada pode parecer mais ilimitado à primeira vista do que o pensamento humano, que não apenas escapa a toda autoridade e a todo poder do homem, mas também nem sempre é contido nos limites da natureza e da realidade. Criar monstruosidades e juntar formas e aspectos incongruentes não provoca à imaginação mais embaraço do que conceber os objetos mais naturais e mais familiares. Apesar de o corpo estar preso a um só planeta, sobre o qual se arrasta com agonia e dificuldade, o pensamento pode nos transportar num instante às mais distantes regiões do Universo, ou ainda, além do Universo, para o caos indeterminado, onde se supõe que a natureza se encontra em confusão total. Pode-se arquitetar o que ainda não foi visto ou ouvido, porque não há nada que esteja fora do poder do pensamento, exceto o que implica total contradição”.

Arthur Schopenhauer, um excelente provocador, dizia que o ser humano tem pernas apenas para andar atrás de comida e sexo. Cabeça para distinguir onde tem comida e sexo. Gordura para que continue a caminhar atrás de comida e reprodução. O ser humano vive para realizar suas necessidades, mas talvez, não apenas pela sobrevivência, mas também, provavelmente, pela busca eterna consciente-inconsciente pela existência e procura da verdade, a fim de colorir e saborear “o que” viver, caminhando por um fio tênue, em meio a incertezas, relutando contra a vida preta e branca. Certamente, sábio seria aquele que sabe que um dia vai morrer, e que aprende sem verdades, entender que o ser humano é formado por angústias, desesperos, desejos secretos e necessidades de buscar prazer em algo. Freud, em 1910, também dizia que “A natureza generosa deu ao artista a capacidade de exprimir seus impulsos mais secretos, desconhecidos até por ele próprio, por meio dos trabalhos que cria; e estas obras impressionam enormemente outras pessoas estranhas ao artista e que desconhecem, elas também, a origem da emoção que sentem.” Friedrich Wilhelm Nietzsche, um gigante no campo do entendimento da condição humana, em sua obra prima *Assim Falou Zaratustra*, escreveu de forma poética e pesada algumas perguntas sobre as necessidades humanas.

*Não será rebaixarmo-nos para o nosso orgulho padecer? Deixar brilhar a nossa loucura para zombarmos da nossa sabedoria?*

*Ou será separarmo-nos da nossa causa quando ela festeja a sua vitória? Escalar altos montes para tentar o que nos tenta?*

*Ou será sustentarmo-nos com bolotas e erva do conhecimento e sofrer fome na alma por causa da verdade?*

*Ou será estarmos enfermos e despedir a consoladores e travar amizade com surdos, que nunca ouve o que queremos?*

*Ou será nos afundar em água suja quando é a água da verdade, e não afastar de nós as frias rãs e os quentes sapos?*

*Ou será amar os que nos desprezam e estender a mão ao fantasma quando nos quer assustar?*

*O ser humano é como um camelo, que carrega toda a carga em seu espírito e caminha por um deserto.*

Então, neste cenário, em um mundo caótico, o ser humano pode dar certo? Talvez, desde que seu espírito, semelhante ao camelo, torne-se um leão, que quer conquistar a liberdade e ser senhor no seu próprio deserto, suportando o acaso, e se dando conta de que a existência é indecifrável, mas que deve ser lidada, não contra o sentido da vida, tentando inventar um. O sentido deve brotar naturalmente, como um nascimento pelo esforço da contínua busca. E seguindo conselhos como o de Rousseau, citado por Ivonne Bordelois em *Etimologia das Paixões* e Hegel, citado por Gerard Lebrun, em *Os sentidos da paixão*: “É de se crer que as paixões ditaram os primeiros gestos e arrancaram as primeiras vozes... Não se começou raciocinando, mas sim sentindo”. “Nada de grande se fez sem paixão”.

### **Beija-flor**

Viver é um estado perigoso,  
Repleto de indícios fantasmagóricos,  
Pintados à mão, como um beija-flor.

Escondido em mim,  
Perdido em outro, procuro,  
Busco o que não é meu e nem do outro.

Busco o beija-flor,  
Que está em um quadro pintado,  
Ilustrando a vida,  
Que não é minha, e nem dele,  
Apenas a paisagem para quem passa.  
Para quem quer viver.



## Fragmentos de uma vida

*A água inteira do mar não pode afundar um navio, a menos que ela invada seu interior. Da mesma forma, a negatividade do mundo não pode te derrubar, a menos que você permita que ela permaneça dentro de você”.*

*Caio de Abreu*

Quando surgiu em minha mente o título deste tema, lembrei-me de uma citação feita pelo filósofo alemão Arthur Schopenhauer, que dizia que “As cenas de nossa vida são como imagens em um mosaico tosco; vistas de perto, não produzem efeitos – devem ser vistas à distância para ser possível discernir sua beleza. Assim, conquistar algo que desejamos significa descobrir quão vazio e inútil este algo é; estamos sempre vivendo na expectativa de coisas melhores, enquanto, ao mesmo tempo, comumente nos arrependemos e desejamos aquilo que pertence ao passado. Aceitamos o presente como algo que é apenas temporário e o consideramos como um meio para atingir nosso objetivo. Deste modo, se olharem para trás no fim de suas vidas, a maior parte das pessoas perceberá que viveram-nas provisoriamente: ficarão surpresas ao descobrir que aquilo que deixaram passar despercebido e sem proveito era precisamente sua vida – isto é, a vida na expectativa da qual passaram todo o seu tempo. Seria pertinente dizer que o homem, via de regra, é enganado pela esperança até dançar nos braços da morte”. Com base nesta reflexão, que nos convida a enxergar a vida como algo que deve ser consumado, vivido intensamente a cada momento, um dos maiores desafios é quebrar os grilhões da apatia e da falta de iniciativa. Igualmente, nos convida também a pensar o jornalista, dramaturgo e escritor brasileiro Caio Fernando Loureiro de Abreu que

escreveu: “A água inteira do mar não pode afundar um navio, a menos que ela invada seu interior. Da mesma forma, a negatividade do mundo não pode te derrubar, a menos que você permita que ela permaneça dentro de você”.

O ser humano que viveu há anos atrás tinha uma forte tendência a se enraizar no seu ambiente cultural e em seguir as tradições apresentadas pela época. Observe como pulsam os modelos culturais naqueles mais velhos, a capacidade e objetividade de ditar o caminho e a direção para a vida, exaltando o que é permitido ou não fazer, como um pastor que orienta seu rebanho. Contudo, com o avanço e desenvolvimento da sociedade, muitas tradições foram esquecidas e não mais valorizadas, outras até viraram motivos de piadas. Neste contexto, o ser humano, que tinha quase sempre, dentro de si, um manual interno de regras para viver, um caminho programado a seguir, contando com todos os passos ensinados de um homem para o outro, começou a se sentir encurralado e pressionado a buscar novos ambientes e modelos de vida. É possível, que agora, depois de abandonar suas tradições, não exista um caminho que seja tão claro a seguir, um manual, uma tradição a realizar. Além disso, a vida está postada às incertezas, fora do modelo de rebanho. Certamente, o homem de nossos dias será mais atormentado por sentimentos de insegurança, frustrações e culpas. Quando não existe um modelo claro, existe uma incerteza aliada a um desejo que pulsa para se realizar, buscando satisfazer a vontade de ter um novo modelo a seguir. Para provocar ainda mais nossa reflexão, nada melhor do que utilizar do poeta Fernando Pessoa, por **“Se tudo o que há é mentira”**.

*Se tudo o que há é mentira  
É mentira tudo o que há.  
De nada nada se tira,  
A nada nada se dá.  
Se tanto faz que eu suponha  
Uma coisa ou não com fé,  
Suponho-a se ela é risonha,  
Se não é, suponho que é.*

*Que o grande jeito da vida  
É pôr a vida com jeito.  
Fana a rosa não colhida  
Como a rosa posta ao peito.*

*Mais vale é o mais valer,  
Que o resto ortigas o cobrem  
E só se cumpra o dever*

*Para que as palavras sobrem.*

Primeiramente, um dos motivos pelos quais houve um abandono das tradições foi a vitória do instinto e das pulsões sobre o modelo antigo de vida, constituído pelo acúmulo dos desejos reprimidos e não realizados. Por conseguinte, todo desejo pode causar construção ou desconstrução de algo. Surpreendentemente, o acúmulo de energia reprimida, não realizada, explode, criando uma vontade insuportável, causando alterações em modelos internos e externos existentes. Por exemplo, o modelo feminino de hoje, que muda em uma velocidade impressionante, com uma sede insaciável, buscando o tempo perdido, reprimido, cheios de desejos a se realizar. Igualmente ao homem, que também na era industrial fez de tudo para conquistar o poder e o capital, acreditando que aquele era o modelo a seguir, a tradição a empregar.

Nietzsche, em sua obra *Para Além do Bem e Mal*, refletindo sobre as mudanças do ser humano, nos provoca: “Quantos séculos precisaria um espírito para ser compreendido? A luz das estrelas mais distantes chega mais tarde aos homens; e antes da sua chegada, os homens negam que ali – existam estrelas.” Do mesmo modo, andar pelo caminho da incerteza, suportando o não saber, é compreender que existe um sentido para a vida, mesmo que ele ainda seja incerto. A fim de seguir em frente, também parte dos seres humanos decidirem não retornar às tradições pela liberdade experimentada e os desejos realizados, a propósito de se posicionarem “em cima do muro”, entre o aprisionamento das tradições e a liberdade do espírito. Talvez esse meio seja a causa da despersonalização, motivos das cópias e do aprisionamento de si mesmo.

Junto à linha de pensamento dos discípulos do fundador da psicologia analítica, Carl Gustav Jung, os junguianos: “*Todos nós nascemos originais e morremos cópias.*” Em resumo também, o filósofo brasileiro Mario Sergio Cortella complementa dizendo que “(...) nós nascemos para nos formar. Ninguém nasce pronto e vai se gastando. Você nasce pronto e vai se fazendo. Eu, Cortella, em 2010, sou a minha mais nova edição. Eu não nasci pronto e vim me gastando. O que nasce pronto e se gasta é fogão, sapato, geladeira (...)”. Entretanto, nem todos conseguem se fazer por completo, satisfazendo a sede de desejo do espírito. Inquestionavelmente, o homem, sem tradição, ou capacidade para responder por si mesmo, copia outro homem, por não conseguir se “fazer” como deveria ser feito. Contudo, o homem que já está pronto é mais fácil de copiar e menos

doloroso, isto é, ele cria mecanismos de fuga, a fim de mascarar seus medos, inseguranças e frustrações. Por conseguinte, temos como exemplo as neuroses de domingo, no qual o vazio existencial se manifesta com maior força, provocando ansiedades e pensamentos de morte.

Talvez a maior consequência de quem copia o outro seja a despersonalização, que afeta diretamente a perda de sentido, provocando vazios existenciais. Quem não tem sentido para ser o que se é, tende a copiar o que não é seu, e o que não pode vir a se tornar a ser, ficando à mercê do preço a ser pago pelas escolhas. Em síntese, o Dr. Viktor Frankl cita um exemplo que ilustra bem o que estamos tentando dizer: “Um avião não deixa de poder dar voltas no aeródromo, em terra, exatamente como um automóvel; embora só se mostre verdadeiro avião quando levanta voo, isto é, quando se eleva ao espaço tridimensional.” Isto é, um avião quando está em terra, por mais que seja um avião, não é um avião, pois o avião é avião apenas quando está voando. Em terra, ele é como um automóvel, feito de ferro, rodas e combustível. Do mesmo modo, o homem deve buscar ser como um avião em voo, direcionado para um caminho e cheio de sentido para aguentar a ir aonde deve ir, sobrevoando pela beleza existencial. Aprendendo a transitar pelo feixe existencial do agora, lidando com a que passou e com a esperança do que pode vir a ser.

Portanto, esse movimento de despersonalização faz com que o homem caia no conformismo, pulsando em seu interior a perda de iniciativa, tédio e a falta de sentido pela vida. Frankl também dizia que “o homem pode perder tudo, mas nunca a vontade de sentido pela vida.” Essa perda faz com que o ser humano se torne irresponsável, questionando a vida, querendo entendê-la, principalmente em momentos profundos de desespero, não suportando não saber as respostas. Certamente, o sentido da vida é algo individual, que deve ser observado, sem dúvidas, de que ele estará em alguém ou em algo, por exemplo, uma pessoa ou uma obra. Nietzsche também dizia que “Quem tem por que viver, suporta qualquer como”. Surpreendentemente, são os porquês que nos fazem superar obstáculos inimagináveis, criados pela nossa mente.

Em muitas de minhas entrevistas, venho observando que vários jovens, que estão buscando uma vaga de emprego, chegam perdidos, sem sentido, sem saber por que estão ali. Alguns até se emocionam durante a entrevista, confessam que não sabem mais o que devem procurar, onde trabalhar, o que fazer de suas vidas; do mesmo modo, muitos dizem que por mais que estejam trabalhando, tudo está muito vazio, sem sentido, sem porquês.

Novamente, em resumo, o Dr. Viktor Frankl confirma essa minha observação em suas pesquisas, demonstrando que 80% dos jovens americanos confessaram que haviam tido a vivência e a experiência do sentimento de uma profundíssima perda de sentido. Por conseguinte, o modo como atualmente vivemos, sobre tanta pressão, traz uma falta de futuro, que diretamente afeta os porquês de se viver. Inesperadamente, esses jovens ficam prisioneiros de si mesmos, engaiolados, girando como em uma roda sem sentido. Talvez, a pressão por não encontrar uma direção faz com que eles se sintam fracassados, humilhados perante aqueles que estão obtendo esse “sucesso”, que muitas vezes, de súbito, a falta de não serem percebidos por outros e a carência exacerbada de reconhecimento público se mistura e confunde, destruindo a personalidade construída, criando um vazio no lugar, despersonalizando, com fim de produzir uma falta de sentido na vida. Em minha opinião, a melhor definição de sucesso é essa: “sucesso é o que você sempre fez, produziu, e que agora foi ou está sendo percebido por outros.”

O sentido da vida, como já havia dito, está relacionado com algo ou alguém que faz parte do mundo externo, mas interno, que pulsa dentro de si, queimando como uma chama, desejando, e que impulsiona o ser humano a buscar eternamente a sua plena satisfação, isto é, entender como viver uma missão na vida do jeito menos doloroso possível.

Em meio a todo esse cenário, confuso para muitos, várias pessoas estão deixando de viver suas vidas por não terem mais motivos aos quais se agarrar. Estão vivendo fora de suas vidas, no plano de vida de outras pessoas, vivendo uma vida que não é delas. Essa postura de não se posicionar na busca pelo sentido está sendo dissolvida em nossa sociedade, criando um futuro baseado em stress físico e emocional. O maior responsável por isso é o próprio homem, que está deixando se levar pelo fácil, sem sentido, vazio, se esquecendo de si mesmo, de seus sonhos, esperanças e desejos. Uma das maiores causas deste bloqueio é o medo de se encontrar consigo mesmo, de fazer perguntas que não teríamos coragem de nos fazer. Talvez, essa seja uma das causas dos conflitos internos, ambivalentes, que estão sempre presentes na rotina do dia a dia, causando angústias, mal estar e ansiedades.

### Clivagem ambivalente

Estou dividido por dentro.  
Verdades ambivalentes.  
Subjetividades intrínsecas.  
Inconsciente, consciente.  
Máscara petrificada.  
Não arrancada.  
Mentiras fantasiosas,  
Intoxicação nebulosa.

Quero significado,  
Unir em partes.  
Liberdade, onde estou?  
Quem eu sou?  
Verdade insuportável.  
Alimento dos imortais.  
Clivagem deformada.

Não quero ser mais,  
Já fui de menos.  
Entusiasmada, clivagem nova,  
Esperançando, significando.  
Máscaras.

O medo é insuportável,  
A vida é travessada.  
Clivagem ambivalente,  
Liberdade de recreio,  
Partes indomáveis.  
Incontroláveis.  
Consciente, inconsciente.  
Ideologias de prateleira.

O que é o que eu não sou?  
Angústia alegre.  
Cisão do coração.  
Tudo muito,  
Lágrimas inteiras.  
Verdades fantasiosas.  
Vida em partes.  
Alma vadia.

Certa vez, recebi uma pessoa na empresa na qual trabalho, seu nome era Carlos José; eu não o conhecia e não havia marcado nenhuma reunião, ele apenas apareceu. Era um senhor acima do peso, que parecia ter problemas de saúde, pois suas pernas estavam muito acometidas e parte de sua face paralisada, provavelmente sinais marcados por um

AVC. Sem saber do que se tratava, convidei-o a se sentar, fomos próximos a uma mesa na recepção da empresa. Com um discurso educado, gentil e voz mansa, ele dizia que estava ali com um único objetivo, pedir ajuda, pois estava sofrendo muito em ver as pessoas que ele mais amava sofrendo, sua alma estava arrebatada. A esposa, filha e neta recém-nascida, estavam sem energia e água em casa, devido às dificuldades financeiras. Além disso, ele comentou que já havia pedido ajuda em todo setor público e para as pessoas mais próximas, mas que em todas as tentativas feitas ao longo da semana, todas foram negadas, e que por vezes, fora humilhado. Ele também havia dito que estava por surgir uma vaga de emprego com a função de porteiro próximo à empresa em que trabalhava. Em seus olhos, onde as lágrimas rolavam lentamente, escorrendo entre a face, misturando com seu suor, ele dizia que estava impossível ver sua esposa, filha e neta sem água em casa; no momento, imaginei as condições sanitárias que eles deveriam estar passando, sem poder dar descarga, fazer comida, banho no bebê e tomar o próprio banho após um dia inteiro. Contudo, ele me pediu uma quantia de oitenta e seis reais e setenta centavos, a fim de pagar a conta de água para religação. Respondi a ele que a empresa não era minha, e que não tinha autorização para ajudar, mas que eu o ajudaria. Subi em minha sala, peguei um envelope, abri minha carteira, e havia oitenta e oito reais; fiquei surpreso, quase a quantia exata. Então, entreguei o envelope a ele, e disse que o pagamento seria um combinado que gostaria de fazer. Ele voltou seu olhar a mim, cheio de gratidão e me disse: por favor, diga qual é o combinado; e eu, sentindo que ele já havia feito esse combinado com ele mesmo, apenas reforcei em palavras o que estava segurando sua vontade de sentido, isto é, sua vida: “Não desista, você tem um porquê de viver, sua esposa, filha e agora neta recém-nascida o esperam em casa, elas precisam de você, sabem que você vai lutar até o fim”. Entretanto, muitos devem estar se perguntando por que eu o ajudei, conformados, pensando que o mundo é cruel, já que existem várias pessoas, que também, naquele exato momento, estão passando por situações ainda piores. Com efeito, penso que o que mais me tocou foi minha admiração por sua força interior, pois via em seus olhos seu espírito pulsar, seu corpo transbordar de sentido, o sofrimento que retalhava sua alma, mas que o fazia caminhar, impulsionava-o para a vida, para o não desistir, para ter esperança de que tudo em algum momento se resolveria. Provavelmente, o fato de ele lutar até os últimos dias de sua vida, mesmo não conseguindo tirar sua família daquela condição, já é o suficiente para fazê-lo ser um ser humano repleto de sentido, agraciado, buscando o que viver e por que viver, suportando o sofrimento e

transcendendo, sendo para sua família um exemplo a seguir. Inquestionavelmente, um filho que vê um pai lutar de tal maneira, como está fazendo o senhor Carlos José, será um filho com chances de seguir uma vida repleta de sentido, com iniciativa, levando dentro de si a imagem do pai, que ficará imortalizada em seu interior, e que sempre será resgatada nos momentos mais difíceis. Esse é um dos porquês que nós, seres humanos, por vezes ganhamos de presente daqueles que nos amam, não importando se é pai, mãe, irmãos, amigos ou Carlos José.

Do mesmo modo, temos outro exemplo, citado pelo Dr. Viktor Frankl, que relata em seu livro *Psicoterapia e sentido da vida*, o caso de um antigo prisioneiro de um campo de concentração, que mesmo com quase todas as esperanças perdidas, de que o futuro poderia não mais significar nada, ainda resistia à vida, pelo simples fato de existir outras vidas em sua vida, pessoas nas quais, ele, prisioneiro, era tido como importante. Segue o relato: “Para todos os do campo, para mim e para meus companheiros, uma coisa estava bem clara: não havia na terra nenhuma felicidade que no futuro nos pudesse ressarcir de tudo quanto tínhamos passado na prisão. Se tivéssemos feito um balanço das felicidades, só ficaríamos com um saldo favorável: “atirar-se as farpas” isto é, dar cabo da vida. Havia entre nós quem não o fazia, mas era pelo profundo sentimento de uma obrigação qualquer. Quanto a mim, sentia-me obrigado a continuar vivo para a minha mãe. Nós nos amávamos um ao outro acima de tudo. Entretanto, eu tinha que contar dia a dia, hora a hora, com a minha morte. E, fosse como fosse, também a minha morte não podia deixar de ter um sentido, e bem assim todos os sofrimentos que se me deparassem até chegar junto dela. Foi então que selei um pacto com o Céu: se eu tivesse que morrer, a minha morte deveria presentear a minha mãe com uma vida mais longa; e o que eu tivesse que sofrer antes da morte faria também com que a minha mãe recebesse o ganho de uma morte fácil, quando lhe chegasse a hora. Só nesta perspectiva do sacrifício me parecia suportável toda a minha existência atormentada. Eu só podia viver a minha vida se ela tivesse um sentido; mas também só podia sofrer o que sofria e morrer da minha morte, caso tivesse também sentido a dor e a morte”.

Penso que todo ser humano responsável não tem nada para se arrepender, pois a vida é essa, cheia de desafios e transformações. Contudo, o que diferencia uns dos outros é o quanto se aproveita da vida, o quanto estamos dispostos a assumir a responsabilidade por viver. Quem escolhe se o futuro vai iniciar com sonhos, sentido, iniciativa, são apenas aqueles que estão dispostos a viver e sobreviver, independente do que a vida apresenta.

O destino não passa a mão na cabeça das pessoas que se fazem de vítimas e que desistem de viver. Para esses, o (próprio) inferno é suportar a própria vida. O homem que é superficial sempre ficará na superfície, por isso, nunca atingirá o sentido pleno da transcendência, a fim de estar fadado a não experimentar as maiores e possíveis transformações de um ser humano.

### **Ilusões**

Andei tirando algumas fotografias da vida.  
Juntei todas, tentei até fazer um filme,  
Até deu, mas desisti.

Quando forcei meu olhar de formigueiro,  
Enxerguei apenas ilusões.  
As maiorias das cenas se repetiam.  
Nome do filme,  
A vida como repeteco, um treco  
Que um dia vai parar.

Estava trocando uma ilusão pela outra.  
Lembrei-me até do maior psicanalista,  
Que alertou a todos,  
Sobre a vida e suas desilusões.

A realidade, mesmo ela sendo uma ilusão,  
E a ilusão sendo uma realidade,  
O importante foi aprender a trocar,  
Não só uma ilusão pela outra.  
Mas um sentido iludido pelo outro.

Ilusão sem sentido, não faz sentido.  
Mesmo sentindo iludido, estamos sentindo.  
Quero mesmo é sentir,  
O resto que se estrepe...  
O que confunde é o repeteco.

Meu esqueleto não tem sentido,  
Ele está livre da vida.  
Mas eu não.  
O sentido que eu busco  
É o buscar sem cessar.  
O motivo do motivo.

A vida vê a sua vida,  
Porque busca vida.  
Quando a vida não quer trocar,  
Ela não consegue enxergar.

Vê o que vê sem ver.

Ilusão, sentido e busca,  
É se despertar para além do despertar  
Do canto do galo,  
Dançando no repeteco.

Sentir só faz sentido  
Se for sentido por mim,  
Sou eu que sinto o meu arder.

O outro até tenta me sentir,  
Mas não consegue sentir como eu,  
Nem eu consigo.

## A vida em seus campos de concentração

*"Os próprios deuses não podem impedir um homem de falhar o seu destino."*

*Ludwig Van Beethoven*

Viver afogado em ideologias e utopias é uma tendência do ser humano. Não conseguiríamos viver sem esperanças ou desacreditados de tudo. Mesmo naqueles casos mais profundos de depressão ou situações limites de desumanização, o ser humano, com suas loucuras, apresenta um estado de sobrevivência, de querer ser, a fim de se sentir humano. Nietzsche dizia que *"A esperança é um estimulante vital muito superior à sorte"*. Entretanto, quando o "nível" de esperança está abaixo do desejado, o ser humano, numa tentativa de curar suas inseguranças, tenta se apegar a algo, o que muitas vezes o faz tropeçar e perder ainda mais a vontade de seguir em frente, ou por outro lado, o faz acreditar de forma veemente em ilusões que o prometem sentido. São os valores que estimulam as dimensões humanas do sentido, contudo, pensamentos fantasiosos, saturados no aparelho psíquico, podem ser venenos, reprimindo significativamente as potências humanas e causando dor e aumentando o vazio existencial. A poetisa brasileira Cora Coralina escreveu que preferiria "mais esperança em seus passos à tristeza em seus ombros." Quantas vezes não ficamos aprisionados em nossos pensamentos, criando situações inexistentes, que causam sentimentos de culpa, ódio e dor.

Sem dúvida, a esperança está relacionada diretamente com o sentido da vida, pois ela nos faz esperar algo de bom que esteja por vir, acreditando que algo belo estará a nascer. Zygmunt Bauman, sociólogo, filósofo, em seu livro *Amor Líquido*, apontou em um trecho da obra de Platão, *O Banquete*, onde a profetisa Diotima de Mantinea ressaltou

para Sócrates que “o amor não se dirige ao belo, como você pensa; dirige-se à geração e ao nascimento no belo”. Amar é querer “gerar e procriar”, e assim o amante “busca e se ocupa em encontrar a coisa bela na qual possa gerar”. Contudo, até o amor, que pensamos que é apenas bom, o confundimos quando ele também se veste em dor. Sem amor não existiria o fazer, muitas vezes ele serve como uma mola propulsora que nos move ao nascimento de algo que no futuro será belo, sem fantasias, transformando nossas certezas em realidade. A escritora brasileira Adélia Prado nos alertou que “Dor é vontade de ser”. Aquele que está em sofrimento necessita de uma nova forma, um “algo” a se apegar, a propósito de colocar sobre outro “algo” que já existe e que precisa ser transformado, substituído e curado.

Contudo, talvez, o desafio de tentar aprender nesse contexto é saber lidar com a liberdade da vida, sem submeter a repressões e utopias que aprisionam não só o corpo, mas também o espírito. Quando cito a palavra espírito, quero dizer que espírito é o que existe de mais puro dentro de cada ser humano, aquele lugar onde você é você, e que se manifesta sempre surpreendendo a si mesmo. Não quero colocar religião ou espiritualidade em nossa discussão, até porque não é o caso deste tema.

Gosto muito do mito de Sísifo, que em minha opinião, explica muito bem o aprisionamento do ser humano em muitas de suas fases da vida. Sísifo, por cometer uma vingança, recebeu um castigo dos deuses e ficou condenado a empurrar uma pedra até o cume de uma montanha eternamente. Só que toda vez que a pedra estava lá, no cume, ela rolava até embaixo, e Sísifo tinha que começar a rolá-la novamente, ficando aprisionado nesta tarefa, em desespero. Quantas vezes o ser humano não se sente como Sísifo, aprisionado em si mesmo, rolando pedras e pedras a vida inteira, presos em suas ideologias, utopias, crenças, neuroses, criando um verdadeiro campo de concentração interno.

Provavelmente, aquele que não se liberta todos os dias é porque está empurrando a pedra de Sísifo, fazendo as mesmas coisas, no tédio, se tornando cópias do mundo, a serviço de outros e não de si mesmo, de sua obra. Nietzsche dizia que “*Quem tem por que viver, suporta qualquer como*”. Observem os jovens, adolescentes, que sofrem, entediados com tudo e todos. Querem fazer alguma coisa, mas não querem sair da inércia.

O impacto da falta de sentido e o afogamento do ser humano na adolescência é muito maior do que na fase adulta. Os adolescentes acordam todos os dias diferentes, seus corpos mudam minuto a minuto. Olham no espelho e o rosto não é mais o mesmo. Os

braços curtos, agora são longos, as pernas mais musculosas, grandes e potentes. Uma fase natural, narcisista, pela qual todos devem passar. Entretanto, observem os adultos, em contraste, mudanças lentas, acordam com o mesmo rosto, com a mesma estatura, como se nada tivesse mudado. Duas fases, em uma existe muita e rápida mudança, tudo é novidade, enquanto na outra, onde quase nada muda, tudo é bem lento, repetitivo, rotineiro, por vezes melancólico. Entretanto, por que os adolescentes, mais do que os adultos, caem no tédio mais facilmente e ficam aprisionados em si mesmos, em seus campos de concentração internos? Semelhantemente, mas por uma diferença fortíssima, eles ainda não descobriram por que viver, ainda estão se descobrindo. Querem viver, mas não sabem como, por onde começar, já que estão assustados com tanta mudança. No entanto, o adulto, para suportar a vida diariamente, tem que ter coragem e humildade para mergulhar em suas profundezas internas e alçar-se nas alturas dos outros do mundo do outro desvendando dia a dia sentimentos ocultos, recorrentes, que produzem descargas conscientes e inconscientes que são gatilhos de dor e que muitas vezes são fontes de criação de uma postura de ataque; isso também ocorre pelo fato do adulto não compreender que todos os erros cometidos no passado não podem ser corrigidos, mas sim reparados. Com isso, cruzar limites e segredos internos torna-se um movimento insuportável, talvez por medo de não conseguir perguntar a si mesmo perguntas que não teríamos coragem de nos fazer, mas que provavelmente o destino o fará.

Entre a adolescência e a fase adulta, conclui-se que o adolescente está buscando um “para que viver”, mas não consegue suportar o “como viver”. Ele quer ser maduro, mas fica angustiado por não conseguir se madurar. Os adultos mostram exemplos, mas a caminhada a princípio parece ser muito forte quando comparado com seu atual desenvolvimento. Alguns adultos até forçam, reprimindo-os, dizendo que a escolha é deles, e que assim a vida ficará mais fácil. Mas o que acontece é que os adultos, inconscientemente, apenas evidenciam para eles a sua impotência de ser amadurecidos. Em vez de ensiná-los a suportarem a vida, tentam ensiná-los a serem maduros, mas continuam a tratá-los como bebês. No livro *Introdução à obra de Melanie Klein*, Hanna Segal cita em um trecho que “À medida que o bebê passa por repetidas experiências de luto e reparação, perda e recuperação, seu ego se torna enriquecido pelos objetos que ele teve de recriar dentro de si mesmo e que se tornam parte dele. Sua confiança em sua capacidade de reter ou recuperar objetos bons aumenta, bem como sua crença em seu próprio amor e potencialidades.” Resumindo essa linguagem psicanalista e associando

com nossa ideia, Hanna Segal quer dizer que somos movidos a perdas e ganhos, a lutos e reparações. Com isso, o ser humano precisa ser conduzido a experimentar perdas e frustrações, para que seu interior, no caso citado por ela, o ego, se reconstitua mais forte e maduro, acumulando mais uma experiência de perda e ganho, sem um descompasso entre o superego e ego. O desenvolvimento pleno acontece assim, em um movimento dinâmico, tensional, onde os prazeres mais profundos são atingidos ou desejados.

Na psicanálise se diz que mãe boa é aquela que sabe errar com o bebê. Errar no tempo certo com a dose certa de erro. Com erros adequados, o bebê se desenvolve, se superando, desenvolvendo seu lado afetivo e não ficando preso em si, em suas fantasias, como no caso das pessoas que se tornam psicóticos, autistas. Esse é um exemplo de campo de concentração patológico, que exige tratamento.

Em nosso caso, retornando à discussão, não há problema em provocar alguém a ser o que não é, mas é respeitoso mostrar a realidade do que pode se encontrar. Observem a quantidade de jovens e adultos angustiados desmoronando suas vidas, passando por crises existenciais e de ansiedades. No entanto, o que vem causando tanta ansiedade? Em síntese, ilustrando, a ansiedade é um produto final de um nó que está tentando ser desatado, e que a cada tentativa, tensiona internamente, disparando gatilhos emocionais, através de imagens criadas por ideais nos pensamentos, que na maioria das vezes são recorrentes, e atormenta a mente o dia todo, sem negociação, provocando cansaço, estresse mental, desgaste físico e desespero.

O número de adolescentes e adultos tentando suicídios não para de subir. Religião, escola, empresas, política, organizações, são sistemas que estão falhando no entendimento do desenvolvimento relacionado ao campo humano. O número de viciados em drogas pesadas são fatos escancarados de uma sociedade aprisionada em si mesma, lutando contra a vida. Como um corpo que precisa de drogas para sobreviver, vivendo como escravo de si mesmo, que não consegue se libertar, preso, se iludindo com certezas egoístas, superficiais e manipuladoras.

Enfrentar e aceitar que é difícil viver com vida é ter coragem para resistir ao caos, ao nada, às ilusões que o destino apresenta. A escolha de ser totalmente livre, essa, nunca o ser humano vai encontrar, porque a sua morte já é uma escolha decidida, o que o deixa sem escolha. No entanto, chegar até a morte bem vivo, com o espírito de que valeu a pena é o que todos sonham, mas poucos estão conseguindo, talvez muitos estejam morrendo sem sentido.

Para os darwinistas, a nossa vida foi um acidente, estamos aqui apenas para queimar nossa energia e voltar ao mundo inorgânico. Penso que mesmo nessa linha de pensamento, reducionista, precisamos aprender a controlar nossas chamas, nosso fogo eterno, que anda se apagando com qualquer ventania. Precisamos também pensar que podemos voltar a nos acender em outras chamas, fugindo desse tédio, que aprisiona e destrói nossas mais profundas vontades, vontades essas que estão dentro de nós, longe da rede interna de preconceitos, livres para ser acessadas.

Encarar a vida como vida é enfrentar a verdade cara a cara. Sabemos que fazer isso vinte quatro horas por dia seria insuportável, até porque, sem ideologias, utopias, ilusões, o ser humano não viveria. Ver a verdade é se jogar no abismo dançando, respirar o mau cheiro cantando, e aceitar que o mundo não é um parque de diversões, mas sim, um meio de se iludir, buscando algum sentido, lutando contra o grito do bem e do mal que vive em si mesmo, isto é, esperando algo ou alguém que virá nos salvar. Observe Einstein, Isaac Newton e tantos outros que evidenciaram grandes verdades. A verdade está aí disponível para ser vista, ela sempre esteve. Por exemplo, a maçã de Newton, que sempre caiu, antes de seu nascimento e depois de sua morte, o que ele fez foi acessar essa verdade que esteve sempre ali, disponível, e com isso entregou para o mundo suas teorias, libertando de si mesmo suas ideias, mitos, conflitos e fantasias, esquecendo de si mesmo, mas ao mesmo tempo, sendo ele, como nunca sentia ser, mergulhado em um paradoxo. Entretanto, por que ele se libertou? Porque um espírito preso nunca alcançará suas certezas, ou para outros, grandes verdades, independente do campo de descoberta. Um pensamento só explode quando existe um vazio que se une a uma ideia. É importante sempre perceber as situações de vazios para que eles possam ser preenchidos com sentido, com ideias, pensamentos, emoções, certezas e verdades. Quantas verdades ainda não têm por descobrir? Quanto de sentido ainda não tem por realizar? Quanto de liberdade ainda não tem por viver?

Não existe amor sem dor, felicidade sem tristeza, verdade sem vazio, vida sem morte, vontade sem sentido, liberdade sem ilusões, vidas por viver, dualismos internos, ambivalentes, fiéis a nossos pais, mesmo quando aparece algo ao contrário. Talvez, em outras palavras, o medo de expor os sentimentos assusta, e qualquer sinal diferente do que somos acostumados a sentir nos descontrola, sufoca, fazendo com que se esconda a própria vida dentro do nosso mundo interno, inconsciente, existente.

## Qual caminho é certo?

Todos vão para um lado,  
Eu para o outro, sozinho.  
Quem está fugindo?

Às vezes vou sem mim,  
Mas não com a multidão.  
Fico parado, me vendo ir.

O que importa não sou eu,  
É o ir.  
Confesso, às vezes, me perco,  
Não do caminho,  
Mas de mim.

Quando o caminho sou eu,  
Corro comigo, ao meu lado,  
Solitário, como são as corridas.

Olho para trás e vejo os outros correndo,  
Para o outro lado.  
Quem está fugindo?

Não existe sorte. Existe o caminho do dever ser, que é o caminho do sentido. Quando estamos no caminho do sentido, o peso da vida diminui, nos sentimos seguros, direcionados, conscientes de que o que estamos fazendo está valendo a pena. No entanto, poderíamos nos questionar se esse sentido não seria também uma ilusão? Ou o caminho para uma programada evolução?

Segundo a história da evolução, as nossas mãos tinham como função, junto com os pés, a sustentação do corpo, o andar era diferente. A boca servia para pegar coisas. Entretanto, o tempo passou, e não perdemos nada, continuamos com os mesmos membros. No entanto, as mãos ganharam outras funções, mais complexas, não apenas agora o pegar, mas, por exemplo, tocar um piano. A boca sai da função de pegar, para a transformação de falar. O sentido está na escolha, e não na função. Está na coragem de perder funções para se transformar, reinventar, e construir algo além do que se é, sem fugir das opções que o destino tem a oferecer.

Atualmente com a revolução digital, nós, seres humanos, estamos pouco usando a capacidade de cálculos e centros responsáveis pelo acúmulo de informações, com objetivo de liberar ou ampliar tais energias em outras funções, que por sua vez, são

atualmente mais importantes ou necessárias. Não estamos perdendo a memória por usar uma calculadora ou computador, pelo contrário, estamos tendo uma oportunidade de encontrar mais sentido no que estamos vivendo, desenvolvendo através de associações meios e caminhos mais rápidos e importantes.

A tecnologia muitas das vezes vem servindo como meio de repressão interno, viciante, caminhando contra a humanização, não como um problema pelo seu desempenho, mas sim pelo fato do ser humano não saber lidar com o que está se encontrando no meio tecnológico. O problema não está no ser humano, por não conseguir dominar a tecnologia, mas sim, pela tecnologia o dominar. Talvez, um dos desafios é não deixar a tecnologia nos desumanizar. Enfim, essa discussão pode ser inacabada, com inúmeros pontos de vista ou teorias, mas penso que falar de evolução necessitaria uma obra mais aprofundada sobre o tema, o que não é o nosso caso.

Não existem técnicas para viver, existem buscas, escolhas de 'como' e 'para que' viver. Toda vida tem valor e sentido, mas nem toda pessoa descobre o sentido da vida. A vida por existir já é um valor, mas o sentido só existe para quem vive a busca eterna. Freud dizia que a vida é trocar uma ilusão pela outra; poderíamos dizer que a vida seria trocar também um sentido pelo outro, uma busca pela outra, vivendo em movimento, exercitando e ampliando as potências e vontades humanas a fim de suportar nossas certezas.

Novamente Nietzsche, em seu livro *Assim Falou Zaratustra*, escreveu: *“Estou em frente da minha mais alta montanha e da minha mais longa viagem! Por isso preciso descer como nunca desci! Devo ir ao fundo da dor mais do que nunca, até as suas mais negras profundidades! Assim o quer o meu destino. Estou pronto!”*

Subir e descer, entre as condições humanas, como escreveu Nietzsche, é parar, pensar e observar o quanto estamos equipados para subir ao cume das montanhas que escolhemos ou foram escolhidas a escalar, refletindo sobre o quanto de preparo é necessário para enfrentar as grandes tempestades. Sem dúvida, se não houver tempestades pelo caminho, poderíamos dizer que foi sorte ou que houve realmente uma tempestade, mas por estarmos tão envolvidos com a vida, não escutamos a chuva cair. Entretanto, se depararmos com a tempestade, está aí uma oportunidade para potencializar o sentido que

já existe. Como nos alerta o escritor Franz Kafka, que escreveu “Só podia encontrar a felicidade se conseguisse subverter o mundo para o fazer entrar no verdadeiro, no puro, no imutável.”

Entre a montanha, alta, e a descida mais profunda, o que está em jogo é o percurso atrelado ao destino. Estar em algo profundo e desconhecido é o que mais faz ranger os dentes daqueles que têm medo de encarar não só a si próprio, mas o que o destino apresenta na forma de perguntas e respostas. A ponte sempre virá de outro ser humano, como um bastão que é repassado a outro. Confúcio, pensador e filósofo chinês, apontou que: "Se um homem aprende com os outros mas não pensa, ele ficará confuso. Se, por outro lado, um homem pensa mas não aprende com os outros, ele estará em perigo". Pensar é estar preparado para receber a sorte. Já dizia também o escritor João Guimarães Rosa: "Viver é um descuido prosseguido. Só nos resta redesenhar as formas depois das quedas". Como então aprender a correr em um gelo tão liso e escorregadio? Esse gelo chamado destino, que nos derruba várias vezes, nos forçando a escolher qual melhor caminho, por onde passar, com quem, e por que atravessar? Entretanto, mesmo quando erramos o caminho e nos deparamos com uma queda, somos forçados a refletir, a entender o que está acontecendo e por quê. Primeiro, pensamos por que caímos. Segundo, deduzimos que o risco existe e que o tombo pode acontecer com qualquer ser humano, com uns mais, com outros menos. Mas o importante é apreciar cada minuto de dor ou de alegria por não ter quebrado nada, aprendendo a se levantar sozinho, na velocidade correta, sorrindo de si mesmo, do tombo, do azar de ter caído ou da sorte de não ter quebrado nada, continuando a caminhar, encarando o destino, e esperando o próximo tombo. Nietzsche dizia que *“Em cada chegada eu sou uma partida.”* Além de cair durante a vida, ainda estamos condenados a partir, mas mesmo condenado a partir, a vida do ser humano, analisado pela linha completa do tempo, existe como um fragmento minúsculo na existência, e que nos leva à pergunta: o que seria então a vida do homem?

### **Animal Irracional**

Muitos animais estão sofrendo,  
Sem saber o sentido de tal sofrimento.  
Eles apenas sofrem.  
Quem sabe o sentido de tal sofrimento  
É o homem.  
Ele que entende o porquê deste  
Ou daquele animal passar pelo sofrimento.

O homem age, muitas vezes,

Fazendo o animal sofrer,  
Para diminuir seu sofrimento.  
Mesmo o animal não sabendo o porquê de tal agir,  
E confuso com o que está acontecendo,  
Ele olha no fundo do olho de seu dono.  
E sem entender, confia,  
Passa pelo sofrimento, olhando para seu dono.

O animal não entende nosso mundo,  
Como também não entendemos  
Por que estamos sofrendo  
E aqui vivendo.  
Mas o amor,  
Esse sim, entende tudo.

## Sobreviver até morrer

*"A morte é de fato o fim, no entanto não é a finalidade da vida."*

*Michel Eyquem de Montaigne*

O trabalho de um jardineiro nunca termina. Como também os momentos de felicidade que nós, seres humanos, nos debatemos angustiados a buscar eternamente. Chegamos a mentir para nós mesmos, criando fantasias e meios de se alcançar uma eternidade, a qual é representada pelo medo que temos da morte, de não viver mais. Como um jardineiro que cuida de seu jardim, para que ele fique belo, o homem também cuida de si mesmo para se sentir feliz; ele por vezes se dobra e redobra sobre suas maiores angústias, respondendo à vida de forma negativa e contraditória, mas que tem o fim de gritar por socorro, pela vida ainda não vivida.

Uma flor demora dias e até meses para brotar dos galhos. Nossas vidas são como essas flores que lutam para nascer, à mercê do destino e à procura de alguém que contribua para nosso florescer: professores, família, amigos, que na verdade, todos com papéis paternos, e entre um desses papéis, nós mesmos, com reflexões conscientes e inconscientes, carentes de respostas, de entendimento do “como” fazer para florescer mais rápido e encontrar com a beleza tão desejada, com a perfeição do pai idealizado. Com isso, buscamos sentido, ficamos ansiosos para que a flor, que dura pouquíssimos dias, comparado com o tempo que a levou a brotar, brote mais rápido, dure mais, seja mais bela. Há algumas que brotam apenas uma vez, como os girassóis. A felicidade é como essa flor que consegue brotar, fugaz, efêmera, inconsciente, mas que afeta o espírito de tal maneira, que se petrifica dentro do ser, algo extraordinário, com dimensões diferentes,

singulares. Não sentimos a mesma felicidade duas vezes, sentimos algo de novo brotando, que nos movimenta internamente, apontando um sentido. Evitamos sempre que conseguimos, todos os impulsos de vazios e desprazer. A morte, por exemplo, o maior desprazer de todos, nos assusta quando estamos próximos à beira do abismo. Porém uma quase morte não existe, e sim, a própria morte, que depois de consagrada, muda tudo. Muitos dizem que o tempo muda tudo, não é verdade; a ação, a vida impulsionada com vida é que faz a mudança; não fazer nada, não buscar um sentido deixa as coisas do jeito que são, temos como exemplo os canalhas, que também envelhecem. Não é porque são agora velhos, que não são mais canalhas. Pessoas mudam muito pouco, mas mudam muito quando estão buscando o sentido pleno de suas vidas, sua arte interna. Todos os seres humanos entram em movimentos de repetições, que são estímulos reprimidos, que pulsam, e que ao longo da vida são superados em estágios, mas nunca satisfeitos por completo. Vivemos nos superando, ou melhor, repetindo de formas diferentes movimentos que superam os estágios da pulsão de vida, de prazer e do desejo que nos escraviza. Uma saída para amenizar a dor da existência é tentar entender nossos padrões que levam à busca do sentido, do prazer último. É tornar o inconsciente, consciente.

Às vezes, não sabemos o porquê, mas queremos continuar a brotar, até o dia que a tempestade vem imperdoável, assombrosa e nos retira tudo, tudo aquilo que iniciou sem saber o porquê, como um relâmpago que toca a terra, ilumina e desfaz sua força em partículas invisíveis. Contudo, o para quê viver vem pelo sentido, como as flores que não sabemos o que é, mas admiramos e amamos. Uma flor é uma flor, mas não olhar para a mesma flor é o mesmo olhar, tudo é racional?

Mesmo sem filosofias, estamos tentando buscar a verdade última, que é uma filosofia, tentando ver aquilo que ainda não vimos, nos direcionando para um sentido, sem saber por que queremos sentir, amar, amar sem sentido, apenas amar algo, algo a se desejar, adorar. Como nos alertava Alberto Caeiro, em seu poema ‘O Guardador de Rebanhos’: *“Amar é a eterna inocência, e a única inocência não pensar...”*. O amor, os sentimentos, a vontade de viver não segue uma cronologia, como segue a razão; por isso é que nós, seres humanos, estamos sempre em conflitos, ansiosos e angustiados, mas sofrer é melhor do que nada.

A razão segue o relógio, a emoção segue o prazer, os traumas que carregamos que nos fazem sofrer são criados em uma espécie de incubadora, que é nosso corpo, no qual se aglomeram e se entrelaçam uns com os outros, gerando depois de um período

sentimentos de dor e desejos. Essa dinâmica faz com que exista pessoas infelizes e felizes no mundo, em tempos iguais e diferentes. Sempre existirão felizes e infelizes, o que precisamos entender é como aceitar essas condições. Mas para todos existem as opções, escolher viver ou não. Ser bom em algo ou com alguém. Escolher não ser mais ou menos.

Movimentos assim tornam-se complexos de estímulos internos, que agride e ao mesmo tempo movimenta a dinâmica interna fisiológica e psíquica. Como se formasse um aparelho biológico, como por exemplo, o sistema cardiovascular, que tem um coração exercendo sua função, bombeando sangue, interligado por milhares de artérias, veias e vasos que alimentam cada tecido, cada célula que necessita de energia e que luta pela sua própria sobrevivência, dependente do fluxo contínuo do sistema; todos precisam se movimentar, pois um movimenta a outra, impulsiona e mantém o processo de sobrevivência, fazendo com que tudo, cada função tenha uma razão de existir. Penso que o aumento no número de pessoas sofrendo no mundo pela falta de sentido na vida está relacionada diretamente com o não entendimento de suas próprias angústias, não sabem por que foram criadas, para que servem, estão sempre se sentindo culpadas por algo ou alguém, que também, por vezes, é uma forma de sentir o sentido da existência, realizados seus mais perversos desejos. As pessoas preferem achar que sofrer é algo que não acontece com o ser humano, pensando que só sofre quem está doente, que vive angustiado apenas aquele que vive infeliz, que todo relacionamento no final acaba, ou com a separação ou com a morte. O ser humano se dói a vida inteira, mas se move pelo sentido e não pela razão, e não, como se acreditava os pensadores do século XVII, que a vida é razão. A razão sim, nos ajuda a sobreviver, sem ela não pagaríamos nossas contas, não andaríamos de roupa, não conseguiríamos nos relacionar uns com os outros e destruiríamos a nossa espécie. Sobretudo, o que acontece é que muitas pessoas, hoje, estão passando por crises, acreditando que se a vida estiver seguindo o manual da vida, os processos, o fluxo das massas, que tem como capítulos Moda, Cosméticos, Par perfeito, Comida, Casas, Estilo, Nutrição, Vinhos, Restaurantes, Horóscopo, vão encontrar o sentido que tanto procuram. O que falta nelas é procurarem ser ousadas na procura de quem se é, apenas assim elas terão o respeito que tanto procuram, encontrando o sentido, que vem coberto de vaidade.

Não sou radical e medíocre ao ponto de dizer que não tenhamos que ser racionais, o que eu estou tentando dizer é que para se sentir feliz, vivendo, vivendo com sentido, é necessário não ter nenhuma fórmula racional que marque hora, criando fantasmas e fantasias que nos afirme que somos normais. Ser normal não é normal quando se trata de

seres humanos. Todos são diferentes uns dos outros, cada vida busca um sentido diferente do outro, com prazeres diferentes. Temos que viver incansavelmente, mesmo sabendo que a vida pode não ter um sentido claro, específico, racional, sem mentiras. Mas mesmo diante do caos, precisamos aprender a respeitar aquilo que merece ser respeitado. Recordo-me de Fiódor Dostoiévski, que em sua obra, *Os irmãos Karamázov*, escreveu que *“Quem mente para si mesmo e dá ouvidos à própria mentira chega a um ponto em que não distingue nenhuma verdade nem em si, nem nos outros e, portanto, passa a desrespeitar a si mesmo e aos demais. Sem respeitar ninguém, deixa de amar e, sem ter amor, para se ocupar e se distrair entrega-se a paixões e a prazeres grosseiros e acaba na total bestialidade em seus vícios, e tudo isso movido pela contínua mentira para os outros e para si mesmo. Aquele que mente para si mesmo é o primeiro que pode se sentir ofendido. Porque às vezes é muito agradável ofender-se (...)”*.

Prazer e sofrimento não andam de mãos dadas, existe uma dimensão muito distante entre os dois. A pressão faz com que as pessoas se tornem por vezes perseverantes, o que não significa que elas são merecedoras de algo apenas por buscar; na pressão a mentira corre solta, observe que quando uma pessoa coloca a outra sobre pressão, em estados limites, a maioria mente com medo da realidade, do que pode vir a acontecer por não suportarem a verdade.

A vida e o destino nos colocam contra a parede todos os dias, exigindo uma resposta para suas perguntas, seus desejos. Somos como aquelas flores, que lutam diariamente e imploram pela vida, por um pouquinho de água e sol, tentando aprofundar nossas raízes, com medo da grande tempestade. Só que na verdade, argumentos racionais, que nos nutrem a mente, não criam raízes, não nos fortalecem sempre; se isso fosse real, os religiosos não seriam religiosos. No fim último, próximo da morte, sempre nos direcionamos para nossos interesses, no que realmente é importante para nós. Esse sentimento sim, descortina nossa existência e nos mostra o quanto somos fortes e capazes para nos mantermos fiéis a nós mesmos.

Friedrich Nietzsche acreditava piamente que, aprendendo a lidar com as ilusões, com as frustrações e desprazeres, explorando a si mesmo, transvalorando todos os valores até o último dia de nossas vidas, o ser humano pode ter uma chance; mesmo o mundo não dando certo, conseguiria se superar eternamente. Com efeito, também acredito que esse é o caminho para o ser humano se tornar humano, mesmo sendo uma trágica conquista e sem entender e saber onde está a verdade, mas conquistando momento a momento o

entendimento, mesmo acreditando que algumas dores insuportáveis podem ser suportáveis. Espinoza escreveu que *“Se compete à natureza do ser pensante, como parece à primeira vista, formar pensamentos verdadeiros, ou seja, adequados, é certo que as ideias inadequadas surgem em nós somente porque somos parte de um ser pensante, cujos pensamentos, alguns em sua totalidade, outros apenas em parte, constituem nossa mente.”* Buscar eternamente o entendimento, se entender, sem medo, enfrentando a si mesmo, encarando o que existe atrás dos pensamentos, é não ser frio, é aprender a se abrir e lidar com os próprios sentimentos, mesmo aqueles profundos, bloqueados inconscientemente.

Para complementar nossas reflexões, e já caminhando para o fechamento desta parte, com muita envergadura intelectual, Zygmunt Bauman, penso eu que até inspirado nas teorias de FREUD, diz que *“(...) o desejo sexual foi e continua sendo a mais óbvia, indubitável e incontestavelmente social. Ele se estende na direção de outro ser humano, exige sua presença e se esforça para transformá-la em união. Ele anseia por convívio. Torna qualquer ser humano – ainda que realizado e, sob todos os outros aspectos, autossuficiente – incompleto e insatisfeito, a menos que esteja unido a um outro.”*

### A busca pelo Martelo

Preciso de um martelo  
Para se forjar um ferro.  
Para se ter um martelo  
É preciso antes forjar o ferro.  
Para se fazer um martelo,  
É preciso outro martelo.

Quero fazer um círculo,  
Tenho essa ideia.  
A ideia de círculo não é o círculo  
É apenas uma ideia de círculo.  
É ideia.  
Círculo é redondo, com centro circular.  
Ideia é isso que acabei de falar.

Preciso de amor.  
O amor não é o que eu idealizo.  
O amor é amor,  
Como flores são flores.

Para se fazer amor é preciso outro  
Amor.

A ideia de amor é uma ideia.  
Amor não se idealiza,  
Apenas se sente.  
Amor não é ideia.

Flores são flores,  
Porque são flores.  
Uma ideia pode ajudar a entregar flores.

Preciso parar de ter ideia.  
Ideia vem do pensamento,  
Dói.

Imaginação vem do sentimento,  
Sara se for boa.  
Mas pode ser também vaga, ilusória, silenciosa  
Como diabetes e pressão alta.

Amor vem do que está antes do pensamento.  
É sentimento pensante.  
Ideia pulsante.

Não ando mais tendo ideia do que é o amor,  
Se é círculo ou triângulo,  
Quadrado ou retângulo.  
Razão ou Coração,  
Sentimento ou ação.  
Ideia da ideia.

Sei que vou morrer,  
Mas nunca morri pra saber.  
Sei, porque já vi morrer.

A verdade,  
Essa vou continuar a buscar,  
Mesmo sem saber se vou entender.

Entender também pra quê?  
Se eu quero é apenas existir.

O filósofo Espinoza, um dos grandes racionalistas do século XVII, escreveu em seu livro *Tratado da reforma do entendimento* que “o que mais frequentemente ocorre na vida e o que os homens, pelo que se pode deduzir de suas ações, estimam como bem supremo, se resume a estas três coisas: riquezas, honra e prazer sexual. Por estas três coisas o espírito é de tal modo distraído, que mal pode pensar em qualquer outro bem.” O que com efeito, o homem sempre está à mercê da estabilidade. Tanto um quanto o outro

são meios de se buscar uma estabilidade ou harmonia interior. Entretanto, todos esses, o prazer sexual, honra e riquezas, trazem consigo a angústia, tristezas e sofrimentos, fazendo com que as coisas mudem, mas não significando que elas podem melhorar.

Seria impossível manter níveis de prazer ou felicidade através da honra. O homem que vive de honra é aquele homem que vive se debatendo no meio dos filtros sociais. Por conseguinte, o homem que vive da riqueza e poder, está sujeito a entregar o sentido de sua vida ao consumo, ao ter, ao possuir sempre mais, mascarando o que, talvez, seria o que existe de mais grandioso em sua busca existencial. Esse modelo de homem irá gostar de si mesmo e dos outros apenas próximo de seu fim, da sua morte.

O Dr. Freud dizia que *“Todo indivíduo escolhe um objeto de amor, um(a) parceiro(a), com características iguais ou semelhantes à mãe ou ao pai – reais ou idealizados – e nele deposita todo investimento que um dia havia colocado nos seus genitores, na tentativa de realizar todos os seus desejos edípicos reprimidos”*. Contudo, o homem através do desejo, consciente e inconsciente, tem um prazer sexual com a idealização de seus pais, o que também termina sempre na angústia e repressão do desejo, ocasionando traumas ou transformações interiores. Os homens, maduros, saem à luta, buscando a vida inteira encontrar a figura de sua mãe em outras mulheres. E as mulheres, através da figura do pai, procuram em outros homens seu herói, seu objeto de desejo, a figura de seu pai, sempre agindo em benefícios próprios, escolhendo dentro daquilo que é o melhor, o (mais) possível, mas com o objetivo único, agir a favor de si.

O ser humano é um ser completo e complexo. Um ser que vive buscando. Sempre buscando o que não conhece e o que conhece. Nós sempre achamos que já somos o que os outros gostariam que poderíamos vir a ser. Mentimos muito para nós mesmos e para os outros, dizendo sempre o que todos gostariam de ouvir.

O fato da busca se dá muitas vezes por desejar ser diferente, bizarro, que na verdade, é o que nos atrai e nos fascina. O normal sempre tem muitas explicações; para o diferente, por vezes, não encontramos explicações. Como também não podemos nos importar com todas as pessoas do mundo, se isso acontecer, nossas vidas iriam parar, seríamos esvaziados por dentro, não teríamos tempo para responder a vida. O desejo ilude o homem, com suas idealizações e perfeições criadas pelo seu próprio ser, seu aparelho interno. O efeito é se deparar com expectativas nunca saciadas, crises existenciais, angústias, ansiedades e frustrações. A busca de ser amado dá sentido na vida, e não conseguimos viver apenas de paixão e delírios, precisamos também respirar sentido. Talvez o que buscamos na maior parte do tempo não é amor, e sim, saciar as carências

por meio da incontrolável busca de riqueza, poder, honras e prazer sexual, que são caminhos perversos para mascarar um espírito angustiado, reprimido e insaciável.

Se tentarmos encarar a verdade de frente, entrariamos em choque com nós mesmos. Nietzsche, entendendo muito bem sobre a condição humana, escreveu que o homem deseja desejar mais o objeto do que o próprio objeto consumado. Ou seja, o fato de desejar é o que cria sentido no que se busca. É o que preenche momentaneamente alguma falta, carência. Quando consumido o objeto, o ser humano encontra o prazer de consumir, de possuir e satisfaz alguma falta. Entretanto, depois de consumido, vem a angústia, insegurança e desespero de consumir mais ou algo que preencha o espírito. Mas aquele que tem esperança, desejos, sempre viverá a maior parte de sua vida feliz. Com efeito, o ser humano não teria capacidade de amar o quanto ou suficientemente ele necessita para viver cada minuto de sua vida, é isso que faz o jogo da vida funcionar, a infelicidade que vive buscando a felicidade. O ser humano, sem a falta e a carência, nunca haveria de desejar algo. E desejar é movimentar a vida, mesmo não sabendo para onde ela está indo. O Dr. Freud uma vez se posicionou, de forma fugaz, e com poucas expectativas sobre o tema felicidade. *“A felicidade é um problema individual. Aqui, nenhum conselho é válido. Cada um deve procurar, por si mesmo, tornar-se feliz.”* Observamos que quanto menos feliz um homem é, mais culpado ele se sente, ou quanto mais dolorida é sua existência, mais dor ele quer sentir.

A vida, vivida pela culpa, angústia, amor, prazer e desejo são condições para que o ser humano se desenvolva como ser humano, aceitando as suas próprias certezas e opiniões, vivendo por muitas vezes sozinho, incompreendido e rejeitando o mundo atual, mas também, certo de que está no caminho do sentido, se tornando mais humano. É como se comer uma comida estragada, e sentir que ela nunca será digerida.

O que acontece é que muitas vezes, em muitas situações, a tensão que deve existir entre sofrimento e desejo é rompida pelo excesso de desejo. Um ser humano que deseja além da conta passa por cima de todos, dele mesmo, e comete loucuras. Contudo, um ser humano que sofre além do que pode suportar adocece, tenta tirar a sua dor pela morte e reage frequentemente agredindo outras pessoas, pelo simples fato de as verem felizes, se perguntando: por que elas estão bem e eu não? Mas, nos abismos da dor, lembre-se que sempre alguém também virá para nos resgatar. Nesse cenário, muitas transformações estão acontecendo na sociedade. Muitas transformações que indireta e diretamente atingem a todos aqueles que estão expostos aos novos sistemas de vida contemporâneos.

Parece que a felicidade não é mais aquela felicidade que há séculos atrás se buscava. Os relacionamentos estão cada vez mais demasiados e frouxos. Prontos para serem desatados a qualquer momento, acreditando que ninguém precisa mais de ninguém. Com isso, a falta de responsabilidade tende a aumentar os índices das doenças relacionadas ao vazio existencial.

O ser humano quer fazer parte da sociedade, mas não quer contribuir com ela. Quer se satisfazer dela, do outro, sem se amarrar firmemente. Essa é uma tensão que vem surgindo devido à quantidade de repressões já experimentadas e vividas pela humanidade. O ser humano está vivendo com medo de se angustiar, de sofrer, acuado, uns até acreditando que Deus um dia irá vir e esmagar a humanidade. Vivemos em uma época doentia, onde as pessoas por não conseguirem lidar consigo mesmas inventam de tudo para sentir alguma satisfação. Pessoas inventam que estão doentes, a fim de chamarem a atenção, tomam medicamentos sem prescrição médica, querendo, com essas atitudes, outras pessoas ao seu lado, bajulando, chorando junto, tendo dó, tentando curar o abismo interno existente.

A tensão que precisa existir entre desejo e sofrimento anda desequilibrada, por isso a busca por novas formas e paradigmas de sobreviver. Mas a vida é tudo isso, uma sequência de estímulos, advindos de escolhas pessoais e do destino intransponível, convivendo com sentimentos de culpa, desejos e prazer. Se pararmos para analisar toda a trajetória humana, o tempo em que nossa espécie está viva, lutando para sobreviver a cada dia, a cada momento feliz ou triste, ficaríamos assustados o quanto nossa trajetória individual, como ser humano, é insignificante. Adicione na linha do tempo da humanidade a quantidade de anos que você irá viver e o que já produziu. Imagine, olhando de fora, sua vida na linha inteira. Provavelmente precisaríamos de uma lupa para enxergar o pontinho que ela representaria no todo. Tentar viver, além de ser quase impossível, é um grande desafio. Talvez a vida dependesse das ilusões, dos desejos, da visão de que um dia tudo pode dar certo, da inquietude do espírito, das angústias que vivem e viveram dentro de nós até os últimos dias, pois o ser humano é um ser que sente medo a todo momento, infeliz, que reluta para produzir alguma coisa, que na maioria das vezes, insignificante, apenas tenta incansavelmente acumular riquezas, honras e prazeres. Nunca estamos preparados cem por cento para encarar a vida, assumir as responsabilidades e enfrentar o desconhecido. Alguns filósofos provocam a humanidade, a fim de expandir as mentes humanas a se libertarem da mediocridade existencial, movimentando

pensamentos que levem a um nível diferenciado, aonde até a arrogância deve ser conquistada e valorizada.

Voltando em Espinoza, destaco um trecho que contribui e fortalece a nossa reflexão: *“Com efeito, eu me via envolvido num perigo extremo e obrigado a procurar com todas as forças um remédio, ainda que incerto; assim como um doente que luta com uma doença mortal, pressentindo sua morte certa, se não lhe for aplicado um remédio, por mais incerto que seja o mesmo, se sente obrigado a procurá-lo com todas as forças, pois nele reside toda a sua esperança. Todas essas coisas, porém, que o comum dos homens procura, não somente não fornecem nenhum remédio para conservar nosso ser, mas até o impedem, e frequentemente são causa de perda para aqueles que as possuem, e é sempre causa de ruína para aqueles que por elas são possuídos.”* Nietzsche, agora em seu livro *Assim Falou Zaratustra*, escreve: *“Não seja vossa morte uma blasfêmia contra os homens e contra a terra, meu amigos; eis o que exijo da doçura da vossa alma. Vosso espírito e vossa virtude devem continuar a brilhar até na vossa morte, como o arrebol do poente inflama a terra; senão a vossa morte será malograda. Assim quer morrer eu, para que, por mim, ameis mais a terra, meus amigos: e eu quero tornar-me terra, para encontrar o meu repouso naquela que me gerou.”* Transitar entre a tensão do sofrimento e da vontade de desejar faz parte da condição de vida humana. Entender o que significa a centelha de nossas vidas no mundo, mesmo sabendo por onde começar, é essencial para expansão do ser, encontrando-se pelo avesso, por muitas vezes, através de desejos reprimidos.

Ser possuído pelo belo, como nos aconselhava William Shakespeare, é deixar muitas das vezes o desejo nos dominar, se entregando ao espírito, e se esquecendo do corpo. Desejar viver sempre, em todas as circunstâncias, dançando no abismo, como reforçou Nietzsche, é um meio de apaziguar as expectativas frente às frustrações e às dores do mundo. Viver, sabendo que o sofrimento está dentro de nós, como nos ensinou Espinoza, é se abrir e encorajar o peso que carregamos na existência. Desejar possuir, que sejam até nossos pais, como evidenciado pelos pensamentos e teorias de peso titânico, sobre a sexualidade que revolucionou o mundo, entregue pelo Dr. Sigmund Freud, também é um caminho a se percorrer, uma chave importante, sendo as angústias meios e pontes que descortinam o sentido da existência humana.

Vivemos hipnotizados pela realidade, não se contentando com nada, vivendo sempre deslocados e angustiados. Infelizes pelo domínio dos instintos agressivos que vêm

da base selvagem de nossa constituição humana. Temos uma necessidade de amar e não conseguimos ser amados. A tensão entre a agressividade e o amor faz-se em uma linha tênue – uma tentativa de canalização das reações naturais do ser humano para se conseguir viver. Concluindo, somos animais sobre si, tentando controlar o que não é controlado, vivendo sobre o mundo idealizado e o mundo atual, com o espírito que está sempre fora da realidade, sendo ele, curiosamente parte de nossa personalidade? Não sei, mas vivemos sendo dominados e dominando, nossas paixões e nossas verdades.

É obrigação de todo ser humano lutar corajosamente contra toda infelicidade, superando-a a cada dia, em cada movimento imposto pelo destino incerto. E se questionar, refletindo sobre o prisma do porquê ou o que está causando tanta infelicidade?

O óbvio muitas vezes não é levado a sério; somos geneticamente diferentes, desiguais, com buscas, objetivos e com necessidades de desejos diferentes e felicidades individuais. Entretanto, sistemas igualitários nunca irão funcionar para uma sociedade que nunca será igual. Em contraste, o que faz uma sociedade exprimir uma personalidade e igualdade social, é a desigualdade individual, desejante, formada por cada indivíduo que é diferente. Esse pensamento remete a uma competição interna, individual de querer ser quem se é, buscando eternamente a realização das necessidades e sentidos mais profundos do espírito. Nietzsche em muitos de seus textos contribui com um pensamento dizendo que “*Só existe moral na sociedade para proteger os fracos. E que os fortes não precisam de moral, são por si só eles, seres elevados, de calibre superior ao que é imposto ou exigido*”. Como também evidencia e reflete o escritor português, José Régio em seu belo poema **Cântico Negro**.

*"Vem por aqui" — dizem-me alguns com os olhos doces  
Estendendo-me os braços, e seguros  
De que seria bom que eu os ouvisse  
Quando me dizem: "vem por aqui!"  
Eu olho-os com olhos lassos,  
(Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)  
E cruzo os braços,  
E nunca vou por ali...*

*A minha glória é esta:  
Criar desumanidades!  
Não acompanhar ninguém.  
— Que eu vivo com o mesmo sem-vontade  
Com que rasguei o ventre à minha mãe*

*Não, não vou por aí! Só vou por onde*

*Me levam meus próprios passos...  
Se ao que busco saber nenhum de vós responde  
Por que me repetis: "vem por aqui!"?  
Prefiro escorregar nos becos lamacentos,  
Redemoinhar aos ventos,  
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,  
A ir por aí...*

*Se vim ao mundo, foi  
Só para desflorar florestas virgens,  
E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!  
O mais que faço não vale nada.*

*Como, pois, sereis vós  
Que me dareis impulsos, ferramentas e coragem  
Para eu derrubar os meus obstáculos?...  
Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,  
E vós amais o que é fácil!  
Eu amo o Longe e a Miragem,  
Amo os abismos, as torrentes, os desertos...*

*Ide!  
Tendes estradas,  
Tendes jardins, tendes canteiros,  
Tendes pátria, tendes tetos,  
E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...  
Eu tenho a minha Loucura!  
Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,  
E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...*

*Deus e o Diabo é que guiam, mais ninguém!  
Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;  
Mas eu, que nunca principio nem acabo,  
Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.*

*Ah, que ninguém me dê piedosas intenções,  
Ninguém me peça definições!  
Ninguém me diga: "vem por aqui!"  
A minha vida é um vendaval que se soltou,  
É uma onda que se levantou,  
É um átomo a mais que se animou...  
Não sei por onde vou,  
Não sei para onde vou  
Sei que não vou por aí!*

Outra provocação é que não existe também amor tranquilo. A maioria das pessoas acha que ama, quando na verdade, apenas precisa do outro para alimentar suas perversões,

buscando um mérito interno, inconsciente de satisfazer suas pulsões latentes verdadeiras. Algumas querem uma morte triunfal. O amor como sentimento é dinâmico, inconstante, consciente e inconsciente, que faz sofrer, sangrar. Conviver com o amor, através do amor, pelo amor, é aprender a se sacrificar pela falta, pela repressão de desejos que nunca irão se realizar.

A vida é um remendo. Estamos correndo sempre atrás de tudo, da promessa de ser feliz. Queremos ser mais, mas não conseguimos. Apresentamo-nos como frustrações e culpas. Mas é por causa desses sentimentos que nós, seres humanos, nos transformamos em humanos. Trabalhamos tanto porque somos infelizes. Canalizamos nossas frustrações, culpas e desejos reprimidos na labuta do dia a dia. Iludimo-nos com qualquer promessa que nos faça idealizar algum desejo. A condição humana, por natureza, é infeliz, aporética. Corremos atrás do sentido do dia, dia a dia, buscando algo a se fazer, que dê sentido no próximo movimento, desejando eternamente que os nossos desejos façam a vida pulsar. Porém, não podemos nunca ter desprezo pelo mundo, mas sim, encontrar chaves importantes, superando a era do vazio e da liquidez humana. Desejar por natureza, ter esperança de continuar a viver. Vivendo esperando que, um dia, esse desejo se realize, esperando que, quando realizado, sentiremos a tão sonhada felicidade, que vem, mas que é efêmera. Sentiremos então, novamente, a infelicidade nos possuindo, pelo simples fato daquele desejo se realizar ir embora. Esperaremos então, angustiados, esperando que outro desejo nos domine, brote mais forte, que seja mais intenso, e que abale as estruturas do espírito, mesmo que seja através de dores e sofrimentos, sendo outro desejo, pois o mesmo desejo não provoca mais o mesmo prazer ou deslocamento de sentido. É como ler um livro que nos marcou pela segunda leitura. Na primeira leitura, devoramos cada página, cada momento, cada reflexão. Entregamo-nos de corpo e alma, nos introduzindo no contexto abordado pelo escritor, se apaixonando e sentido o pulsar do espírito com o pulsar do livro. Entretanto, na segunda vez em que lemos, já não temos o mesmo prazer como na primeira. A leitura sempre valerá a pena, mas não provocará um estado de êxtase, como provocou no primeiro encontro. Freud, numa entrevista, perguntado sobre o desejo de imortalidade, respondeu assim: *“Se reconhecemos os desejos egoístas por trás de toda conduta humana, não temos o mínimo desejo de voltar (...) para que serviria isso, sem memória?”* *“Não me faça parecer um pessimista”* – disse ele após o aperto de mão. – *“Eu não tenho desprezo pelo mundo. Expressar desdém pelo mundo é apenas outra forma de cortejá-lo, de ganhar audiência e aplauso. Não, eu não sou um pessimista, não enquanto tiver meus filhos, minha mulher e minhas flores! Não*

*sou infeliz – ao menos não mais infeliz que os outros.*" O ser humano, com isso, continua buscando um motivo para viver, desejando desejar todos os dias uma saída para a felicidade, construindo motivos em cima de motivos, e sem respostas para a pergunta: Por que somos infelizes?

### **Inveja Desejante**

Uma árvore é uma árvore.  
Um peixe é um peixe.  
Um homem não é um homem.  
Um homem quer ser outro homem.  
O que move esse homem a querer ser outro homem  
É o desejo de desejar.

O fato de o homem desejar SER o que não é,  
É a humilhação de si mesmo.  
O próprio homem se humilha a querer TER,  
Não pela falta que esse TER faz,  
Mas pela humilhação de que outros conquistaram o TER  
E ele ainda não.  
Inveja ou Desejo?  
Inveja desejante deselegante...  
Esse é o SER homem,  
Que não corre atrás da falta por não TER,  
Mas por não SER humilhado por aquele que tem.

Uma árvore já tem tudo o que ela precisa.  
Um peixe não se preocupa em que ele gostaria de SER,  
Ele já é a perfeição.  
O homem, imperfeito,  
Corre atrás de si mesmo.  
Se humilhando, invejando  
E dizendo para outros homens  
Que ele está apenas desejando.

Será o homem um doente, afundado em si mesmo, insuficiente, inconsciente da sua perfeição?

## Livre da liberdade.

*"Só é digno da liberdade, como da vida, aquele que se empenha em conquistá-la."*

*Johann Wolfgang von Goethe*

Mesmo livres estamos sempre nos desculpando com nós mesmos. O ser humano vive em culpa, sempre repreendido e se agredindo e lamentando diariamente por não satisfazer por completo suas necessidades ou fantasias criadas. Erich Fromm, psicanalista, psicólogo social, sociólogo e filósofo, que viveu entre os anos 1900-1980, utilizando do mito da história da humanidade, descreve sobre a liberdade, em que o homem e a mulher viviam no paraíso uma vida perfeita, sem problemas, em harmonia, onde tudo era equilibrado, sem precisar fazer nenhuma escolha. Por todos esses motivos, não era necessário ter liberdade, ela por si só já existia. Não era necessário pensar ou desejar nada. Porém, o homem, ao violar a proibição de comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, rompe o estado harmônico com a natureza. Analisando pelo prisma religioso, essa cena representa o nascimento do pecado. Contudo, analisando do ponto de vista humano, surge, nesse momento, o início da liberdade e o pulsar da razão. Ao romper com o equilíbrio, o homem vê-se nu e sente vergonha. As amarras são rompidas, porém, ele fica só, impotente e livre. *"Embora livre do doce cativeiro do paraíso, não é livre para governar-se, para realizar sua individualidade"*. O homem ficou livre para fazer suas escolhas, mas não pronto para escolher, pronto para se conhecer, exercitar suas potências e sair da acomodação, preocupado com sua nudez,

desesperado, pensando em que os outros poderiam pensar a seu respeito o vendo nu. O surpreendente no ser humano é que ele sempre está com medo de si mesmo, do que pode acontecer se alguma de suas latas de lixo for aberta, sempre se confrontando, com dificuldades de criar movimentos internos de aceitação, de superação daquilo de ruim que existe em suas profundezas, sempre fugindo do que realmente é necessário, mesmo sabendo o que é preciso fazer. Contudo, se não tivéssemos nascido, viveríamos em plena vitória; porém, tendo nascido, o melhor é aprender a conviver com as derrotas, em liberdade.

Quando estamos nus, e olhamos no espelho, enxergamos o nosso ser externo, como ele é, como se mexe, como muda com o tempo. Muitos seres humanos, por não se aceitarem, ficam reprimidos por não gostarem de seus corpos e jamais ficariam nus na frente de outros, pois seria como se mostrassem, através de seus corpos, suas fraquezas, seus desejos não realizados. Por isso é que muitos ficam presos, sem liberdade, cultuando seus corpos e consumindo produtos que escondem suas culpas e medos, desejando e idealizando corpos inatingíveis, escondendo suas verdades atrás de seu próprio eu, que por vezes está doente, na busca de uma satisfação completa, a própria morte.

Quando se fala da nudez do espírito, temos que prestar a atenção não só ao que está atrás de nossos olhos, mas também ao que está escondido em nossos quartos internos onde vivem personagens que alimentam o nosso eu, que ficam o tempo todo nos manipulando, mentindo e nos fazendo correr riscos. Personagens que representam verdadeiros fantasmas, pulsando como sábios, assassinos, comandantes ditadores, metódicos, santos, egoístas, generosos, perversos, eróticos, mentirosos, sinceros, alegres, apaixonados. Quantas vezes nos pegamos em momentos inconscientes que agimos iguaizinhos a nossos pais. Quantas vezes nós nos perdemos dentro de nós mesmos, sem saber o que somos, e em que estamos nos tornando. Aprendemos a arte de bloquear nossos sentimentos e evitar as dores do mundo, mas nunca conseguimos fugir da nossa figura de escravo, implorando pela salvação, rangendo os dentes por liberdade. Fantasiamos o tempo todo, com objetivo de fugir da verdade, daquilo que necessitamos, que irá verdadeiramente diminuir o peso da existência.

Rubem Alves, em seu livro *Variações do Prazer*, escreve que “*O prazer engravida, e o sofrimento faz nascer*”. Para sentir prazer, é preciso sofrer, que seja fisicamente, afetivamente, consciente ou até inconscientemente. Mas nós seres humanos somos assim, lutamos a vida inteira para ter liberdade, tentando ultrapassar todas as

barreiras, sentindo como se estivéssemos correndo contra o tempo, derrubando obstáculos intermináveis, desejando, desejando incansavelmente, presos, correndo para alcançar a tão sonhada liberdade. Acreditamos que quanto mais poder e dominação dos outros seres humanos, mais livres seremos. Contudo, liberdade é aceitar que existem destinos a seguir, a se realizar, entendendo que tanto coisas boas quanto ruins podem acontecer a qualquer momento. O que irá aliviar as ansiedades e os sofrimentos será a forma em que olhamos, agimos e respondemos as perguntas que a vida está nos fazendo. Já a realidade é mais ou menos o que nós queremos, o nosso jeito de ver as coisas e pensar o mundo. Estamos sempre construindo nossos pensamentos, que na maioria, são egoístas, em pensamentos que pensem ou associem imagens que estão ligadas às nossas frustrações, paixões, necessidades superficiais e profundas. Liberdade é viver suave, viver simplesmente, sem interrogações sobre a vida e o destino. É aprender a responder, e não a perguntar. Como um dia respondeu o poeta escritor brasileiro Mario Quintana, quando foi despejado do seu apartamento e um amigo, em um belo gesto, lhe cedeu um quarto. “(...) Certo dia, uma outra amiga foi lhe visitar, e comentou que havia achado o quarto pequeno. Então, Quintana grandiosamente respondeu: *“Eu moro em mim mesmo. Não faz mal que o quarto seja pequeno. É bom, assim tenho menos lugares para perder as minhas coisas.”* Esse é um belo exemplo de liberdade, agindo com tranquilidade sobre o que pode vir a acontecer, mas sempre sendo responsável pelas decisões e respostas dadas livremente à vida. Mario Quintana, mesmo preso dentro de um pequeno quarto, vivia como se estivesse em uma gigantesca mansão, cheia de mordomos, comidas deliciosas, músicas, quadros, paixões e escolhas; vivia livre, feliz com o que existia dentro de si.

Ninguém poderá dizer como viver, pois não existem respostas, mas sim a liberdade que existe de e para. Cada vida tem algo a buscar, a viver, a experienciar. As respostas estão em não pensar apenas racionalmente afastando os desejos para que a verdade apareça. Mas, buscar localizar na relação obscura entre o consciente e inconsciente humano, a verdade que está entrelaçada com os desejos. Imagine uma sessão de cinema, no qual passamos o filme inteiro no escuro, olhando para uma luz, tentando interpretá-la, decifrando cada fragmento que pulsa e que ilumina atrás de nossos olhos. Quando olhamos, e conseguimos fazer todas as associações para decifrar o que ela quer nos dizer, alcançamos as respostas que tanto procurávamos, ou, também, outras perguntas que podem surgir a partir das respostas encontradas. Como se estivéssemos em uma roda gigante, que gira o tempo todo no claro e no escuro, nos impulsionando cada vez mais a continuar a decifrar o que pode vir a ser.

É necessário também entender que nós, seres humanos, somos singulares, individuais, uma unidade lançada ao meio de uma multiplicidade, sendo impossível buscar entender a totalidade da vida. Essa dinâmica, de existir a unidade na totalidade em meio à multiplicidade faz com que todo ser humano em algum momento de sua existência se questione sobre o quanto está realmente livre, vivendo a sua natureza singular. Outro ponto importante, e curioso, é que além do ser humano passar a vida inteira correndo atrás de ideologias e ilusões, ele, nessa confusão toda, se confunde também com o que seria essa tal liberdade, que por vezes, foi inventada por ele mesmo, pelas suas repressões e fraquezas não superadas, suas próprias manifestações. Gosto muito quando nos alerta Nietzsche, dizendo que mesmo diante do abismo mais profundo devemos dançar. E que se existe um Deus, ele é um Deus que sabe dançar. Retorno a essa reflexão, porque além dela ser curta, tem um efeito muito poderoso, como a maioria dos pensamentos de Nietzsche.

No instigante texto do Dr. Freud, *O trauma do ovo*, encontra-se uma comparação com a vida do ser humano, que se forma, dentro da barriga de sua mãe, com a vida externa, fora da barriga, vivendo à mercê do mundo. Freud contextualiza dizendo que “*o reino do ovo era uma perfeita felicidade, que ali tinha tudo o que poderia querer ou imaginar*”. E que quando o ser humano passa a viver no mundo externo, ele pensa: “*Esse mundo não tem nada a ver comigo*”. Com esse choque de realidade, e um espanto de que nada será mais como antes, o ser humano, que antes não se preocupava com nada, pois sua vida estava perfeita dentro do útero de sua mãe, agora não tem outra saída a não ser a busca pela vida perdida. Sua principal preocupação ou missão de vida passa ser a felicidade não alcançada, o sentido não realizado, o que o faz desejar eternamente sua existência plena, como era antes, no útero materno, perfeito. Nesse embate, descobrimos que animal não é pessoa, e que para um ser humano alcançar seu sentido último, antes ele precisa nascer aos olhos de outro ser humano, que já caminha e que suporta conscientemente a totalidade. Buscar esse retorno ao útero materno ou às dimensões humanas mais elevadas é o caminho que todos seguimos, acreditando fielmente que a liberdade, harmonia interior e felicidade um dia será alcançada.

Com efeito, o sentimento de estar livre é um mecanismo que gira sempre em cima de incertezas. Porém, a vida no mundo externo baseia-se nessa relação, em que a percepção sempre está aquém do que se é apresentado. São sequências de estímulos agressivos, diários, confrontando e desestabilizando a consciência humana, forçando-a a

mudar e se adaptar constantemente aos próximos desejos, necessidades ou destino, mas sempre tentando retornar à vida perfeita no útero materno, que ficou gravado para sempre na memória. Com isso, quanto mais se experimenta a liberdade, mas se quer experimentar, como um vício consciente-inconsciente, que move toda a vida para o ser livre, feliz, sem pressões externas e cobranças, isto é, quanto mais conforto melhor.

Quando vemos alguém livre, dispendo de muita liberdade, mais livre do que nós, transbordando liberdade, sentimos uma certa inveja, uma vontade de possuir também aquela liberdade, apresentada em certos casos pelo poder, dinheiro, relacionamentos e graus de dominação de outros seres humanos. Sempre estamos comparando nossa liberdade com a liberdade de outros. No fundo mesmo, o que queremos não é ser apenas iguais aos outros, buscar modelos sociais ou pessoas que nos inspirem, e sim suprir o desejo de possuir aquela liberdade que já foi experimentada no “ovo uterino” ou vivenciada no mundo externo, através de si mesmo ou dos outros, para lutar por uma única causa, garantindo a própria sobrevivência. Sem liberdade não há sentido, e sem sentido não há o porquê de viver. Viver sem sentido na vida, sem buscar ou desejar algo, seria como viver fisicamente e morto espiritualmente, sem se agarrar em nada, vivendo morto. Retornaremos às escrituras sagradas, na passagem em que Jesus está chamando a todos para o seguirem, e certo homem, seguidor de Jesus, pede para voltar e sepultar seu pai que havia morrido. Jesus então respondeu: *“Venha comigo e deixe que os mortos sepultem os seus mortos”*. Essa passagem bíblica é um exemplo da promessa de liberdade pregada pela religião, com um poder de mover multidões, direcionando seus seguidores à busca pela liberdade de seus espíritos, prometendo que, mesmo perdendo, como esse seguidor perdeu a oportunidade de enterrar seu pai, sua recompensa seria maior no outro mundo, com pleno conforto, sem sofrimentos, angústias, pressões e dificuldades físicas, oferecendo aquela liberdade desejada diariamente durante todos os dias de sua existência. Outro ponto, quando Jesus diz para deixarem que *“os mortos sepultem os seus mortos”*, ele quer dizer que os que não estão livres espiritualmente, estão vivos fisicamente, mas mortos por dentro, sem sentido, presos em gaiolas, sem a liberdade de vida, andando sem sentido, comendo sem prazer, fazendo sexo por necessidade, matando por não conseguirem suportar a verdade; enfim, às vezes, buscando em suas maldades e momentos de desesperos, alguma saída, a fim de encontrar o sentido para suas vidas. Contudo, seus corpos estão vivos, livres, mas sem bússola, sem responsabilidade com suas vidas e com as de outros seres humanos. O Dr. Viktor Frankl diz que a diferença entre desespero e sofrimento é que o desespero em sua dor não tem sentido; contudo, no

sofrimento em sua dor existe sentido. Uma pessoa desesperada não está livre; entretanto, uma pessoa em sofrimento sente uma profunda dor, mas está livre, esperando o ponto certo para se redirecionar. O livro *Corpos em Revolta*, de Thomas Hanna, faz também uma análise sobre a obra de Freud “(...) o homem é também o mais infeliz de todos os somas, porque o desenvolvimento magnífico das suas possibilidades de consciência e a sua ação agressiva fizeram com que ele conquistasse o seu ambiente sem saber a razão por que estava agindo assim, e assim a sua conquista parece vazia e sem sentido (...)”

### **Dilúvio de emoções**

Liberdade interna,  
Dilúvio de emoções.  
Segredos escondidos,  
Lembranças lembradas.  
Meus pais penteando meus cabelos.

A fragilidade da alma,  
Que vive sublinhada.  
As lembranças do pentear,  
Uma ópera cantada pelas famílias,  
Momentos de passarinho,  
Só de criança, anjos esperançados.

Debruçando sobre aqueles olhares,  
Voo...  
Sinto sentindo,  
A fim de entender o caminhar,  
A passada, sua mecânica.  
Senão, como entenderei até onde irei aguentar?

Prensas avassaladoras,  
Destino inteligível.  
Não existe nem mais a caça,  
Nem mais o caçador,  
Apenas existe.  
Eu existo e não penso mais!  
Lembro-me pensando de quando era criança.

Sei que a minha palavra não basta,  
Nem os entendedores iriam entender o que estou querendo dizer,  
Mesmo que fosse meia palavra.  
Uma criança entenderia.

Ensurdecador o grito interno,

O espelho que refletia o pentear.  
Rosas brotavam inconscientes,  
Viajando pelo perfume materno,  
Experimentando as pausas eternas,  
Construídas pelo despertar da alma.

Vida intensa,  
Sacos vazios,  
Sabores inesquecíveis,  
Hipertensão da alma.  
Passarinhos que voam, voam, como crianças.  
Um dilúvio de emoções pela busca do ovo.  
Do útero materno.  
Dos olhos de outro humano.

Certa vez, indo a um velório de um ente muito querido, me senti muito culpado, pois eu não chorava como as pessoas que estavam ali presentes. Estava com um sentimento muito estranho, frio, como se nada tivesse acontecido. Parecia que eu estava ali, presente, assistindo o que estava acontecendo, me sentindo como se não fizesse parte do momento. Fui pra casa, com um enorme sentimento de culpa, gritando por dentro, pensando por que eu não me sentia como os outros. Passaram-se alguns dias, e a culpa foi aumentando, como se estivesse em uma incubadora. E de repente, veio-me ao pensamento que aquela culpa, assustadora, enorme e que me aterrorizava, só existia porque aquele ente querido que se foi era importante, caso ele não fosse, não iria me sentir culpado. Dias depois caí em prantos, chorando e externalizando toda aquela ferida interna que acabava de estourar, como um pus, que jorra quando uma bolha de queimadura é estourada. O sentimento de culpa se foi, a ferida se cicatrizou, deixou sua marca, mostrando que a culpa por não ter sentido nada no momento foi também um sentimento, que se transformou em algo muito importante, responsável em desatar o nó afetivo. O sentimento de culpa, repreendido, incubado dentro de mim, neste caso mostrou o quanto foi importante para que todo o contexto se elucidasse e luto introjetado.

Por outro lado, o sentimento de culpa pode também ser traído por nós mesmos, através de mecanismos que mascaram a sua pulsão. Temos como exemplo uma traição entre um casal, onde a esposa trai o marido. Na primeira vez, ela volta pra casa transtornada, com os sentimentos à “flor da pele”, prazer e culpa se misturando, deixando a consciência pesada, com dor. Contudo, após algumas outras traições, em que é mais do que frequente o ser humano desejar novamente esse sentimento de perigo, mistério e prazer, o sentimento de culpa começa a ser mascarado por outros sentimentos com maiores pulsões. Imagine uma estrela afiada, pontiaguda, que está localizada dentro da

cabeça, como um cata-vento. Agora imagine também, que quando a traição acontece e o sentimento de culpa se manifesta, e a estrela, afiada como uma faca, gira dentro da cabeça, machucando tudo que está ao redor, gerando muita dor, dor na consciência. Entretanto, quando outras traições acontecem, por várias vezes, o sentimento de culpa começa a perder força. É como se aquela estrela, por girar várias e várias vezes e entrar em contato com a matéria ao redor, perdesse seu corte, seu poder de retalhamento, girando agora, livremente, pelo caminho que já foi feito. Nesse momento, a dor na consciência fica pequena, desaparece, o sentimento de culpa quase não existe mais, a estrela não está mais afiada e gira tranquilamente. Na maioria dos casos, o ser humano, mentindo para si mesmo, começa a acreditar que é normal agir desta forma, sem respeito pelo outros e por si mesmo, rompendo limites morais e pessoais. O Dr. Viktor Frankl, sobrevivente dos campos de concentração nazistas, relata em seus livros que os soldados que matavam os judeus durante sua jornada diária de trabalho retornavam para suas casas como se nada tivesse acontecido. Sentavam em suas mesas de jantar com a família, comiam normalmente, conversavam sobre sonhos, projetos de vida, em como serem mais felizes. No dia seguinte, colocavam suas fantasias de soldados, retornavam aos campos de concentração e ajudavam no massacre de milhões de seres humanos. Com o relato deste fato, podemos notar que existe um descompasso entre delírio e realidade. Uma questão também que põem em cheque, o que realmente é um ser humano? Até que ponto ele vive entre o que é real e o que é uma alucinação? Talvez seria o fato dele não conseguir suportar a verdade, o sofrimento que por vezes se põe diante de seus olhos internos? Será que o sentimento de culpa, neste caso, não existe mais? Penso que a condição humana chega a um ponto de descompensação tão profunda, que a vida, em seu caráter de valor, não está mais em jogo; na verdade, a vida não existe mais. Como pode um ser humano matar crianças, torturar mulheres e homens durante o dia, se sentir livre e retornar para sua casa como se nada tivesse acontecido? Até onde o sentimento de culpa pode ajudar a transformar o ser humano em humano? É melhor sentir culpa e viver angustiado ou seria melhor delirar, viver fora da realidade sem se sentir culpado por qualquer ação? Olhe para seu cachorro ou peixes, quanto mais comida você der a eles, mais eles vão comer, ficando gordos, doentes e até morrer por isso, sem culpa alguma, o que eles querem é o máximo de prazer. Entretanto só o ser humano, consciente de sua existência, e movido por padrões criados por ele mesmo, experiencia sentimentos de culpa. Por isso é que quando estamos comendo em excesso, nos sentimos culpados e interrompemos uma refeição,

racionalizando, e procurando mecanismos que compensem tal culpa. Com isso, nos exercitamos, escolhemos melhores alimentos para as próximas refeições, evitamos comer como comemos da última vez, compulsivamente. Porém, quando a dor do vazio interior se transforma em alguma patologia, a realidade e as fantasias se tornam uma só. Acredito que casos como esses, citados acima, são exemplos de que os seres humanos, quando estão sob grandes pressões, não tem controle sobre seus instintos mais primitivos, vivem apenas como passageiros de si mesmos, em dor, fantasiam, lutam pela sua sobrevivência, e pela busca de prazer em meio à carniça, acreditando que tudo é um sonho, e que um dia irá acabar; suas vidas se tornam um fardo insuportável, representando uma liberdade falsa pela falta de sentido e utilidade, por não conseguirem suportar toda a culpa que os perseguem, como exemplo também na promessa falsa do amor e da felicidade, na qual diz tão claramente Fernando Pessoa em seu poema *O Guardador de Rebanhos*: “Porque quem ama nunca sabe o que ama/ Nem sabe por que ama, nem o que é amar...” Olhando por essa ótica, concluímos que livres mesmo são apenas aqueles seres humanos que conseguiriam suportar seus delírios. Contudo, pensamos também que a liberdade só seria alcançada por momentos que estão a favor da vida, efêmeros, possíveis em situações solitárias, incertas, que movem a vida para algo que se deve buscar, mesmo não sabendo o porquê e o que buscar.

### **Passageiro de si mesmo**

Esvazio por completo  
Sentindo a alma pinçar,  
Veemente de veneno,  
Carente de amor,  
Debruço-me sobre algum olhar.

Lágrimas que não rolam,  
Música não tocada.  
Vida deliciosa, atraente.  
Rosto de mulher carente.

Lágrimas d'água,  
Vida enchente, carente de dor,  
Pensamentos vazios como passarinhos a voar.

Nada do nada,  
Fúria interna, não entendida,  
Amiga.

Viciado em olhar.  
Carente de amor sou veneno.  
Sugador de olhar.  
Apenas o passageiro da viagem.

Com pensamentos deliciosos,  
Viajo por dentro,  
Lambuzado,  
Em devaneios,  
Movido pela fantasia  
Não mais só de um olhar.

O toque do violino,  
Um pinçar na alma,  
Com pingos de sentido.  
Música que cria pingos d'água,  
Ultrapassando o olhar.

Nasci sobre os braços de outro olhar.  
Morrerei sem saber  
O porquê e o que me fez tanto amar.

## Andares da vida: Ódio, Amor e Conhecimento

*Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque na sepultura, para onde tu vais, não há obra nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria alguma*

*Jesus de Nazaré, Eclesiastes 9:10*

A vida é como um prédio, repleto de andares. A cada andar em que subimos nos deparamos com uma altura diferente, um ambiente novo e com novas formas. Seria como se cada andar fosse construído por um arquiteto diferente. Cada um com sua personalidade, inspiração e história de vida. Os pilares que sustentam a estrutura predial são as mesmas para todos, porém, os ambientes e as portas são diferentes quando comparados umas com as outras. A cada acesso em cada andar, cria-se uma sensação diferente. Existem horas em que retornamos ao primeiro andar, experimentando “sensações de primeiro andar”. Sensações estas que são acessadas através das marcas da infância e que pulsam constantemente, querendo subir de andar e se alojar nos andares superiores. Porém, elas não conseguem se alojar, mas apenas nos fazerem uma visita através do elevador afetivo.

Outro ponto deste prédio interno é que, quando olhamos para baixo, depois de ter subido vários andares, percebemos que além de estarmos mais altos e grandes, a profundidade também é maior, e mais assustadora. Quanto mais se sobe, maior fica a profundidade do abismo. Sabemos que temos alguns elevadores que conduzem o fluxo interno. Entretanto, em alguns momentos, esses elevadores quebram, e não conseguimos

por meio deles descer e visitar os andares já vividos. Então, temos uma única opção, se jogar da janela do andar em que estamos atualmente, como em um esporte de *bungee jumping*, saltamos amarrados, com medo, frente ao abismo em que criamos. O que dá medo não é a altura do andar, mas sim o olhar direcionado à profundidade do abismo. Nestes momentos, sentimos nosso sangue pulsar fortemente, transpiramos de energia e choramos por dentro, gritando, na esperança de que tudo vai dar certo. A única diferença do nosso *bungee jumping* interno para o esporte *bungee jumping* é que a nossa corda, após o lançamento e o estiramento de energia gerado durante o movimento de salto, nos impulsiona para cima de tal maneira que chegamos aos andares superiores, ainda não vividos. Neles também existem outros arquitetos, trabalhando com novas formas, cores, sabores e histórias. Existem em todos os andares janelas grandes, que podem servir como meio de fuga caso algum andar pegue fogo. O elevador funciona normalmente quando o ambiente interno está em equilíbrio. Porém, no desequilíbrio interno, onde o fogo inicia rapidamente e consome tudo que está à sua volta, temos as únicas saídas de emergência, as janelas, que estão abertas de frente para o abismo. Mas antes de pular, olhamos para a profundidade, e pensamos o quanto é difícil tomar essa decisão. Contudo, quando decidimos pular, é porque ainda estamos com fome de alma, querendo reagir e lutar para que brote novas virtudes. Nossos instintos têm sede de liberdade; a queda pela janela representa um impulso à liberdade, estimulando o espírito a abrir todas as possibilidades de transformações. Saltamos porque queremos nos esquecer em que nos transformamos. Entediados com o mesmo andar, com os mesmos pensamentos, esperamos algum fogo iniciar, fogo este criado por nós, representado pela ansiedade e vontade de querer se libertar do padrão que nos aprisiona e que atua recorrente em nosso aparelho psíquico causando fantasias e angústias.

Se a vida há de superar a si mesma, temos também a obrigação de nos superar. Ela necessita de andares altos, porque é grande e bela, e nós sobrevivemos da beleza e das alturas; sem elas não teríamos vida. Com isso, para se sentir vivo, com sentido, é necessário por vezes, ao longo de nossa existência, fazer saltos para dentro de si mesmo, procurando em nossas profundezas as respostas para as perguntas que nos atormenta. Sem opções, queremos viver com vida até o último instante. Saltamos no abismo para clarificar nossa vida, unguindo o espírito com as lágrimas sagradas de sabedoria, sentindo que estamos existindo e desejando mais existência, transformando os valores e virtudes pela

queda, sem saber o porquê e em que seremos novamente transformados. Quando saltamos, caímos lentamente, gritando, solitários, observando tudo ao nosso redor, com lágrimas nos olhos e desesperos na alma. Neste momento, olhamos a queda e vemos o reflexo entre os espelhos das janelas dos andares; esses reflexos nos assustam, pois ao olhar, não reconhecemos quem está caindo, e perguntamos: de quem é aquela imagem? Por fim, ao observar o reflexo, concluímos que não nos reconhecemos mais. Assustados, cerrando os dentes no silêncio, enxergamos na queda toda miséria interior, e descobrimos o que não estava descoberto, o que não sabíamos, aquilo no qual durante anos fugimos, evitando qualquer contato, não apenas por medo, mas para nos proteger da grandeza do impacto. Nietzsche em uma de suas metáforas escreveu “O meu grito despertou-me, porém, e tornei a mim. Que mar tão negro e triste a meus pés! Que sombrio e noturno pesadelo! Ó destino e oceano! É mister que eu agora desça para vós. Estou em frente da minha mais alta montanha e da minha mais longa viagem! Por isso preciso descer como nunca descí! Devo ir ao fundo da dor mais do que nunca, até as suas mais negras profundidades! Assim o quer o meu destino. Estou pronto!” E como também lembra a grandiosa escritora brasileira, Adélia Prado: “Dor é vontade de ser”.

A ciência vive de subir andares. Sempre buscando alcançar os maiores topos, perfurando teorias e retalhando conceitos, partindo do todo para o detalhe ou vice-versa. Mas mesmo a ciência mais detalhista, como a genética, que tem a missão de decifrar tudo, esgotando o conteúdo existente até de um DNA, não consegue explicar e capturar a totalidade do ser humano em sua multiplicidade, mas apenas sua conceituação, representações simbólicas, crenças e delírios. Contudo, quando entramos no campo das paixões, onde o ser humano se adesiva em tudo que ele possa vir a ser, imaginando satisfazer seus mais profundos desejos, tudo fica imprevisível sem nomeação. Isso acontece porque somos uma mistura de histórias, embutidas umas nas outras, que se mostram em várias trilhas internas, formando outras histórias, o que, na verdade, é sintoma dos encontros que tivemos a vida inteira com outros seres humanos, isto é, quando confrontamos uma história ou momento, levamos juntos as milhares de pessoas que conhecemos. Cada encontro com cada ser humano não é um encontro apenas de dois seres humanos, mas sim, de multidões se encontrando, com diversas ideias, pensamentos e fantasias. Nesse contexto, somos o jardim, o regador e o jardineiro, estamos representando os três, a essência única de se construir algo, que também por vezes fazemos sem saber o que será, apenas sentimos que devemos fazer. No campo das paixões

e dos significados a pura razão não consegue entrar, nele reina o amor, ódio e conhecimento. Somos escravos dos sentimentos e significados. Estamos a todo tempo procurando nomear, decifrar e entender o que acontece nas profundezas interiores. Existimos porque existem significados; sem eles, seríamos delirantes, loucos, inertes, aguardando vegetativamente a morte não consumada. Vivemos buscando nos agarrar em um pedaço do mundo, em algo que traga significado, que seja nosso. Sem significados não conseguiríamos encarar a vida só pela racionalidade, pois a verdade seria insuportável. Viveríamos como os robôs apresentados nos filmes de ficção. O Dr. Viktor Frankl nos alerta em seu livro *Um Sentido para a Vida*: “(...) que aquilo que realmente interessa ao indivíduo não é estar feliz ou infeliz, mas saber se há ou não uma razão para ser feliz ou infeliz. Descascando cebolas choramos. Nossas lágrimas têm uma causa. Mas não temos razão alguma para chorar.”

### **Fruto Paterno**

Herança paterna.  
Luta individual da conquista.  
Paternidade cruel,  
Amável.  
Desejo teatral.

Realidade psíquica,  
Realidade real.  
Riqueza interior,  
Sentido da vida.

Mundo mosaico.  
De perto a deformação egoica.  
De longe a transcendência,  
Transformação heroica, paternal.

Pensamentos perversos.  
Atos sinceros, infantis.  
Herança primitiva.  
Vida deformada,  
Alma demasiada.

Pano de fundo.  
Realidade moralista.  
Vida insubstituível.  
Sentido abstrato, inteligível.

Árvore da vida.  
Beijo histórico.

Amor platônico.  
Espírito reprodutor, criador.  
Liberdade castrada.  
Ilusão trocada.

Bumerangue que volta,  
Alvo não atingido.  
Ato repetitivo,  
Paterno interno.

Deformações desfeitas.  
Formas satisfeitas.  
Vida ambivalente.  
Perfeita, angustiante.

Fruto desejado,  
Pai sacrificado.  
Filho desculpado.  
Culpado.  
Bumerangue que volta.

O suor da vida se dá por suportar a carência e ausência de significados, tolerando muitas vezes o silêncio interior, que é curativo e restaurador. De vez em quando, quando somos acometidos por vazios em que o sentido da vida não está escrito nas palavras, mas nas entrelinhas da existência, mergulhamos em momentos atormentadores, esperando a vida nos dizer o que fazer e como prosseguir. Existe um pensamento que diz que “A saúde é o silêncio dos órgãos”, ou parafraseando, “O significado em silêncio é a saúde do espírito”; é no silêncio que acontece repentinamente o nascimento do mais poderoso significado. O difícil é suportar o silêncio que, além de atormentador, nos fazem sentir uma experiência de quase morte. O silêncio profundo só é bom quando estamos dormindo, inconscientes, delirando. Imagine se a comida com que sonhamos que comemos durante o sono curasse nossa fome, o sexo prazeroso em que desejamos nos satisfizesse, e os sentimentos de amor e carinho idealizados suprissem nossas carências. Com certeza, nunca desejaríamos despertar, tudo estaria perfeito, como um dia foi no útero de nossas mães. Iríamos desejar viver dormindo, delirando, inconscientes, livres, como fazem os bebês, que dormem para não acordarem e terem contato com o mundo externo, que é agressivo. Para os bebês, penso até que deve ser mais fácil suportar tamanha agressividade, porque na maior parte do tempo estão inconscientes. Por exemplo, eles acham que quando sua mãe sai de seu campo de visão é porque ela morreu. E quando ela resolve voltar, por ter ido apenas pegar algo na cozinha, é como se ela ressuscitasse. Como em um jogo de vida e morte, acontecendo o dia inteiro. Ainda bem

que, quando bebês, estamos inconscientes de quase tudo, mas não conseguimos fugir das marcas que são sendo feitas quando perdemos algo, ou também ganhamos, o que vai refletir como sintoma lá na frente, na vida adulta, é a tolerância que desenvolvemos quando perdemos ou ganhamos algo ou alguém.

Mesmo adultos, conscientes, sábios, não conseguimos compreender a vida e a morte. Sabemos que vamos morrer, por ver outros de nós morrendo todos os dias, e também, mesmo assim não compreendemos e aceitamos o porquê disso acontecer. Estudamos todo o processo biológico desde a fecundação até o nascimento, não compreendemos o sentimento que nos toma o corpo quando um filho nasce. Como dizia Martin Heidegger, “O ser humano é um ser no mundo”. Lutamos, por vezes inocentes, tentando mudar o mundo, sofrendo nele, acreditando que um dia tudo será melhor. A maioria das pessoas não querem mudar, não toleram perdas, e nem querem saber desse papo, acho que aqueles que veem diferente esse posicionamento são a minoria, talvez, aqueles que estão atualmente em extinção. Mas acredito que quanto maior o sofrimento, o vazio existencial, maior será a chance de mudar. Pessoas se suicidam porque não suportam a verdade e nem o poder de mudança, a qual é causa da dor interna que corrói o espírito, levando a uma atitude dessas. Porém, para alguém tirar a sua vida, é necessário ter sentimentos congruentes muito fortes, como ter vontade de matar alguém, ter vontade de ser morto por alguém e ter vontade de se matar; apenas os três juntos, potencializados, é que faz uma pessoa suicidar. Aparecendo de forma isolada, apenas um ou dois em conjunto, o ser humano não tira a sua vida, pois em contraponto, existirá forças internas ambivalentes, lutando e pulsando vida, sempre em busca de uma saída, algo que faça sentido, que pode ser superado.

### **Pessoas**

Quantas pessoas me querem o mal.  
Quantas pessoas me querem.  
Pessoas que não sabem o que querem  
E nem sabem o que é o mal.

Pessoas,  
Meus modelos mentais  
Misturados na multiplicidade da existência  
Singulares em seus querereres.

Presas em seus casulos, pessoas,  
Pensando em algo que querem,

Sem perceber que estão presas  
Dentro de mim, dentro de outras pessoas.

Conectam umas às outras procurando pessoas.  
Pessoas não respondidas.  
Pessoas perguntas.  
Pessoas desaparecidas, não encontradas.  
Pessoas conectadas procurando algo, procurando pessoas.  
Pensando que pessoas é algo que se procura.

Pessoa se é.  
Pessoas são pessoas,  
Boas, más,  
Sem querer, com querer,  
Sem saber o que se é.

Vivem procurando pessoas,  
Apenas procurando,  
Porque pensam que não são pessoas.

Com efeito, também negamos diariamente o mundo externo, assumindo uma postura curiosa, sempre buscando um senso estético de prazer de encantamento. Queremos nos encantar a todo momento, correndo atrás de significados profundos, como o amor, ódio e conhecimento, por isso derramamos litros de lágrimas durante a vida. Às vezes fico me perguntando: que ser humano passa pela vida e não sente o prazer em chorar? O mundo é um vale de lágrimas! O amor, por exemplo, é a forma mais maravilhosa que alguém pode encontrar para se matar. Amar alguém é buscar se resgatar, implorando para outro eternamente, para que ele devolva o que nos pertence, aquilo que achamos que nos pertence, e que na verdade, é apenas um sentimento projetado em um objeto, em algo que deve ser possuído. Como disse Sócrates, “(...) o amor é um tipo de delírio – eis o primeiro. Há delírio humano e divino – eis o segundo”. Ficamos a vida inteira delirando, esperando o dia da devolução, pensando que seremos completos, preenchidos, que por vezes, a espera nos afasta do amor, nos tira a capacidade de amar, pois estamos focados apenas na espera. Para dar mais sabor e profundidade em nosso texto, Álvaro de Campos no belíssimo poema **Todas as cartas de amor são ridículas**:

*Todas as cartas de amor são  
Ridículas.  
Não seriam cartas de amor se não fossem  
Ridículas.*

*Também escrevi em meu tempo cartas de amor,  
Como as outras,  
Ridículas.*

*As cartas de amor, se há amor,  
Têm de ser  
Ridículas.*

*Mas, afinal,  
Só as criaturas que nunca escreveram  
Cartas de amor  
É que são  
Ridículas.*

*Quem me dera no tempo em que escrevia  
Sem dar por isso  
Cartas de amor  
Ridículas.*

*A verdade é que hoje  
As minhas memórias  
Dessas cartas de amor  
É que são  
Ridículas.*

*(Todas as palavras esdrúxulas,  
Como os sentimentos esdrúxulos,  
São naturalmente  
Ridículas.)*

Quando sentimos que estamos projetados para algo ou alguém, no qual o objetivo final é a realização de si mesmo, utilizamos do amor ou ódio como molas propulsoras para saciar o vazio que atormenta nossa existência. Assim, nos tornamos o “Ridículo” de Álvaro de Campos, muitas vezes, cegos, dominados por um ideal, que quando se deforma, e abrem-se as cortinas, enxergamos o quanto fomos “Ridículos”. Contudo, mesmo pensando que agimos como “Ridículos” estamos novamente sendo “Ridículos”, porque o caminho para o sentido da existência é imprevisível, sem mensuração e direção. Apenas tentamos viver, nos baseando em conclusões internas que nos confunde dia a dia. Isso acontece porque mudamos como a água do rio de Heráclito, e quando percebemos, adquirimos outra forma.

Lembra-se daquela festa tão sonhada e perfeita, na qual tivemos um sentimento de completude, em que tudo estava perfeito? E quando ela chegou ao fim, sentimos

angústia e desespero porque a festa tinha acabado. Sentado ali, naquela cadeira, saboreando os últimos momentos, sentimos também um vazio, não só no salão, mas dentro de nós, parece que, na escala de felicidade, a festa atingiu o pico em dez e, ao seu fim, chegou próximo a três, causando sentimentos de perda. Dizem no senso comum que o melhor da festa é esperar por ela. Nietzsche dizia que amamos mais o desejo de desejar do que o próprio objeto. Quando desejamos, já estamos dentro da festa, festejando o preenchimento de nossos vazios, daquilo que buscamos, que será perfeito e mais prazeroso.

Todas as respostas que buscamos estão dentro de nós, em todas as dimensões; de uma maneira ou de outra encontraremos um único caminho, a busca eterna em entender em que nós nos tornamos e o que estamos procurando. Ao longo da existência, nós mesmos nos confundimos e ficamos doentes. Mas como vamos fazer para não ficarmos doentes se não compreendermos qual é a nossa doença? Devemos dissecar, descompactar e isolar cada pedaço de nós, entendendo e pesquisando continuamente o que existe em nosso mais profundo ser, a fim de reelaborar e reconstruir formas singulares e composições mais harmônicas e elevadas, sempre em busca de diminuir o peso da existência através dos vários caminhos descobertos, conseguindo refugiar para dentro de si, encontrando proteção, segurança, paz e vida, aprendendo assim a consumir a sua própria natureza, funcionando como um sistema único inserido em uma multiplicidade. Como o sangue, o suor e as lágrimas que também têm suas respostas naturais, biológicas, são movidos por significados, únicos em si, mas também inseridos na multiplicidade do sistema. O sangue, por exemplo, complexo em sua fisiologia, não existiria sem o movimento do coração e dos demais órgãos. O suor, também, não existiria sem o aumento da temperatura interna. E as lágrimas, uma delicada formação de água que jorra dos olhos, órgãos também delicados, não existiriam sem os sentimentos mais profundos, que afetam e nos tocam. Não mensuráveis, que quando resolvem vir à tona, com seus símbolos e significados, atingem não só os olhos, que pulsam água. Buscar se aprofundar em si mesmo pode ser assustador, mas também, pode ser a única saída para encarar os fantasmas que nos assombram diariamente. Conviver com uma mistura de histórias, conscientes e inconscientes, que mudam constantemente, é como se jogar ao infinito, procurando a conexão certa, sabendo que ela não existe e que é apenas mais uma conexão, melhor ou pior para o momento. Por outro lado, nos iludimos para nos proteger, como fazem os poetas, sempre anestesiados em meio de seus sofrimentos e angústias. O sangue

que pulsa em suas veias é o mesmo que pulsa em seus poemas e versos. O seu suor não é simplesmente um suor biológico, é um suor produzido pelo peso que a vida lhes impõe.

A ilusão, os sonhos, são remédios que aliviam o fardo da existência. A transitoriedade entre razão pura e significado, são mecanismos de sobrevivência que devem ser observados por nós mesmos, nos ajudando a não caminhar por supostas verdades cabais. As lágrimas que rolam muitas vezes de nossas faces são convites feitos pelo espírito, para que consigamos redirecionar nossas rotas, superando a nós mesmos como seres humanos. Viver é nascer todos os dias, decidindo, compreendendo que neste dia que nasceu apenas trocaremos novamente, um sentido por outro, buscando atingir a meta da vida, que é a morte com sentido.

### **Eis o Homem**

Sendo o que se é,  
Encontra-se na vida a própria vida,  
Trocando uma ilusão pela outra,  
Eis o homem tentando buscar algum sentido.

Devorado pela fome de informação,  
Esquece-se de ser o que deveria ser.  
Não vive sua vida,  
A vida que a vive.

Angústia. Decepção. Frustração.

Eis o homem,  
Não reconhece mais sua imagem,  
Suas profundas necessidades.  
Vive, porque está sendo obrigado a viver.

Eis o homem,

Traumatizado.

Suicídio programado.

Buraco sem fundo.

Vida de defunto.

Eis o homem,

Não sabe mais qual o sentido de uma flor.

*Ficamos por aqui, afinal todos concordamos que esses temas são inesgotáveis.*

## Bibliografia

- Abujamra, A. (2012). *Antônio Abujamra Lê Fernando Pessoa*. Curitiba - Paraná: Editora Nossa Cultura.
- Alves, R. (2011). *Variações do Prazer: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette*. São Paulo: Editora Planeta.
- Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido - sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. Rio de Janeiro: Editora ZAHAR.
- BORDELOIS, I. (2007). *ETIMOLOGIA DAS PAIXOES*. Odisseia.
- Brasil, S. B. (2001). *Bíblia Sagrada - Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Barueri - SP: Editora Sociedade Bíblica do Brasil.
- Camus, A. (s.d.). *Primeiros Cadernos, Albert Camus, Edição "Livros do Brasil" Lisboa*. Proudhon.
- Cortella, M. S. (2006). *Não Nascemos Prontos! Provocações Filosóficas*. Editora Vozes.
- Dostoiévski, F. (2008). *Os Irmãos Karamázov*. São Paulo: Editora 34.
- Forbes, J. (18 de Junho de 2013). <http://www.jorgeforbes.com.br/br/entrevistas/a-angustia-da-responsabilidade.html>. Acesso em 18 de Junho de 2013, disponível em <http://www.jorgeforbes.com.br>: <http://www.jorgeforbes.com.br>
- Frankl, V. E. (1995). *O que não está escrito em meus livros, memórias*. São Paulo: Editora É Realizações.
- Frankl, V. E. (2005). *Um Sentido Para a Vida, Psicoterapia e Humanismo*. Aparecida - SP: Editora Idéias e Letras.
- Frankl, V. E. (2010). *Psicoterapia e Sentido da Vida*. São Paulo: Editora Quadrante.
- Frankl, V. E. (2011). *Em Busca de Sentido*. Petrópolis, RJ / São Leopoldo - RS: Editora Vozes, Editora Sinodal.
- Freud, S. (2010). *Sigmund Freud Obras Completas*. São Paulo: Companhia Das Letras.
- Gandhi, M. (s.d.). *Gandhi, Eterna Semente*. Belém-PA: Editora Paka-Tatu.
- Heidegger, M. (1956). *Introducción a la metafísica*. Buenos Aires: Editorial Nova.

- Hume, D. (s.d.). *Investigação Sobre o Entendimento Humano*. São Paulo: Editora Escala.
- Jung, C. G. (2012). *Carl Jung Curador Ferido de Almas - Clarie Dunne, Tradução de Eliana Rocha*. São Paulo: Editora Alaúde.
- Kafka, F. (1990). citado em "*Sudetenland*", Volume 32 - Página 222, *Gesellschaft zur Förderung Ostmitteleuropäischen Schrifttums, Sudetendeutsche Jugend - H. Preussler*,. Viena.
- Leminski, P. (1991). *La via en close, organizado pela poeta Alice Ruiz*.
- Nietzsche, F. (2011). *Além do Bem e do Mal, Prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia de Bolso.
- Nietzsche, F. (2011). *Assim Falou Zaratustra*. São Paulo: Editora Martin Claret.
- Nietzsche, F. (s.d.). *Humano, Demasiado Humano*. São Paulo: Editora Escala.
- Peracini, L. (2013). *O que a Vida me Falou: O Grito*. Porto, Portugal.: PoesiasFãClube.
- Peracini, L. (2013). *O que a vida me Falou: O Inconsciente*. Porto, Portugal: PoesiasFãClube.
- Pondé, L. F. (2010). *Contra um Mundo Melhor*. São Paulo: Editora Leya.
- Prado, A. (2006). *Solte os Cachorros*. São Paulo - Rio de Janeiro: Editora Record.
- Quintana, M. (2012). *Canções seguido de Sapato Florido e A Rua dos Cataventos*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.
- Rosa, J. G. (2006). *Grande Sertão: Veredas*. Editora Nova Fronteira.
- Sartre, J.-P. (s.d.). *O Ser e O Nada - Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Schopenhauer, A. (2001). *O Mundo como Vontade e Representação*. Editora Contraponto.
- Segal, H. (s.d.). *Introdução à Obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Editora Imago.
- Souza, P. -T. (2010). *O Banquete*. Rio de Janeiro: Editora Difel.
- Spinoza. (s.d.). *Tratado da Reforma do Entendimento*. São Paulo: Editora Escala.
- TASCHEN. (2010). *Miguel Ângelo 1475-1564, Génio Universal do Renascimento*. Lisboa: TASCHEN.
- Vol.1, C. G. (2013). JUNG - FREUD. *Coleção Guias da Psicanálise Vol.1*.

*Sobre o autor*

Natural de Uberaba, possui um currículo multifocal, é escritor, poeta, psicanalista, logoterapeuta, administrador, consultor empresarial, fisiologista do exercício, educador físico. Autor de obras publicadas no Brasil e Europa, entre elas, Além da Liderança: Devaneios de uma Gestão, O que a vida me Falou O Grito e O Inconsciente, Sendo Humano: reflexões de uma existência, Certo, mas por linhas tortas e também convidado ao lado de poetas de todo mundo para construção da 1ª Antologia do Poesia Fã Clube, publicada em Portugal na Cidade do Porto. Atualmente, seus estudos situam-se nas questões relacionadas a dissecação do mistério humano.